

JORNAL

DAS FAMILIAS

—

ANNO DE 1871

24-
24-30

163-4.

JORNAL
DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA

RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.

ANNO DE 1871

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

—DO—

RIO DE JANEIRO



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR-LIVREIRO

69, RUA DO OUVIDOR, 69

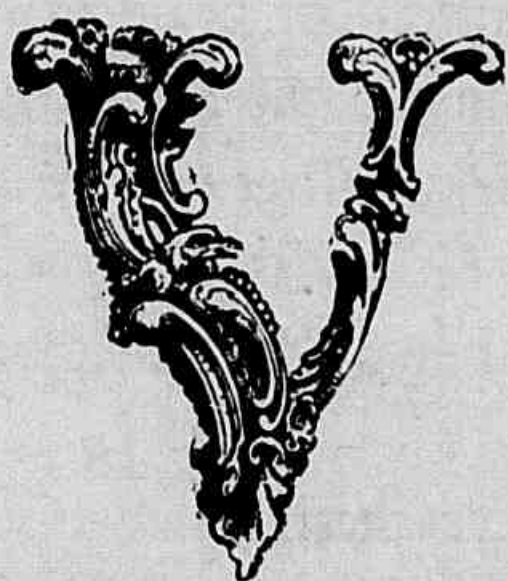
JORNAL DAS FAMILIAS

MARIANNA.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

—DO—

RIO DE JANEIRO



Voltei de Europa depois de uma ausencia de quinze annos. Era quanto bastava para vir achar muita cousa mudada. Alguns amigos tinham morrido, outros estavam casados, outros viuvos. Quatro ou cinco tinham-se feito homens publicos, e um delles acabava de ser ministro de Estado. Sobre todos elles pesavam quinze annos de desillusões e cansasso. Eu, entretanto, vinha tão moço como fôra, não no rosto e nos cabellos, que começavam a embranquecer, mas na alma e no coração que estavam em flor. Foi essa a vantagem que tirei das minhas constantes viagens. Não ha decepções possiveis para um viajante, que apenas vê de passagem o lado bello da natureza humana e não ganha tempo de conhecer-lhe o lado feio. Mas deixemos estas philosophias inuteis.

Tambem achei mudado o nosso Rio de Janeiro, e mudado para melhor. O jardim do Rocio, o boulevard Barceller, cinco ou seis hoteis novos, novos predios, grande movimento commercial e popular, tudo isso fez em meu espirito uma agradavel impressão.

Fui hospedar-me no hotel Damiani. Chamo-lhe assim para conservar um nome que tem para mim recordações saudosas. Agora o hotel chama-se Ravot. Tem defronte uma grande casa de modas e um escriptorio de

jornal politico. Dizem-me que a casa de modas faz mais negocio que o jornal. Não admira; poucos leem, mas todos se vestem.

Estava eu justamente a contemplar o espectáculo novo que a rua me offerecia quando vi passar um individuo cuja physionomia me não era extranha. Desci logo á rua e cheguei á porta quando elle passava defronte.

— Coutinho ! exclamei.

— Macedo ! disse o interpellado correndo a mim.

Entrámos no corredor e ahi demos aberta ás nossas primeiras expansões.

— Que milagre é este ? por que estás aqui ? Quando chegaste ?

Estas e outras perguntas fazia-me o meu amigo entre repetidos abraços. Convidei-o a subir e a almoçar comigo, o que aceitou, com a condição porém de que iria buscar mais dous amigos nossos, que eu estimaria ver. Eram effectivamente dous excellentes companheiros de outro tempo. Um delles estava á frente de uma grande casa commercial; o outro, depois de algumas vicissitudes, fizera-se escrivão de uma vara civil.

Reunidos os quatro na minha sala do hotel, foi servido um succulento almoço, em que aliás eu e o Coutinho tomámos parte. Os outros limitavam-se a fazer a razão de alguns brindes e a propôr outros.

Quiseram que eu lhes contasse as minhas viagens; cedi francamente a este desejo natural. Não lhes occultei nada. Contei-lhes o que havia visto desde o Tejo até o Danubio, desde Paris até Jerusalem. Fil-os assistir na imaginação ás corridas de Chantilly e ás jornadas das caravanas no deserto; fallei do céu nevoendo de Londres e do céu azul da Italia. Nada me escapou; tudo lhes referi.

Cada qual fez as suas confissões. O negociante não hesitou em dizer tudo quanto soffrera antes de alcançar a posição actual ! Deu-me noticia de que estava casado, e tinha uma filha de dez annos no collegio. O escrivão achou-se um tanto envergonhado quando lhe tocou a vez de dizer a sua vida ; todos nós tivemos a delicadesa de não insistir nesse ponto.

Coutinho não hesitou em dizer que era mais ou menos o que era outr'ora a respeito da ociosidade ; sentia-se entretanto mudado e entrevia ao longe idéas de casamento.

— Não te casaste ? perguntei eu.

— Com a prima Amelia ? disse elle ; não.

— Porque ?

— Porque não foi possivel.

— Mas continuaste a vida solta que levavas ?

— Que pergunta ! exclamou o negociante. É a mesma cousa que era ha quinze annos. Não mudou nada.

— Não digas isso ; mudei.

— Para peor ? perguntei eu rindo.

— Não, disse Continho, não sou peor do que era ; mudei nos sentimentos ; acho que hoje não me vale a pena cuidar de ser mais feliz do que sou.

— E podias sel-o, se te houvesse casado com tua prima. Amava-te muito aquella moça, ainda me lembro das lagrimas que lhe vi derramar em um dia de entrudo. Lembras-te ?

— Não me lembra, disse Coutinho ficando mais serio do que estava ; mas creio que deve ter sido isso.

— E o que é feito della ?

— Casou.

— Ah !

— É hoje fazendeira ; e dá-se perfeitamente com o marido. Mas não fallemos nisto, acrescentou Coutinho, enchendo um calix de cognac ; o que lá vae, lá vae !

Houve alguns instantes de silencio, que eu não quiz interromper, por me parecer que o nome da moça trouxera ao rapaz alguma recordação dolorosa.

Rapaz é uma maneira de dizer. Coutinho contava já seus trinta e nove annos e tinha alguns fios brancos na cabeça e na barba. Mas apesar desse evidente signal do tempo, eu aprasia-me em ver os meus amigos pelo prisma da recordação que levára delles.

Coutinho, foi o primeiro que rompeu o silencio.

— Pois que estamos aqui reunidos, disse elle, ao cabo de quinze annos, deixem que, sem exemplo, e para completar as nossos confidencias reciprocas, eu lhes confesse uma cousa, que nunca sahio de mim.

— Bravo ! disse eu ; ouçamos a confidencia de Coutinho.

Accendemos nossos charutos. Coutinho começou a fallar :

— « Eu namorava a prima Amelia, como sabem ; o nosso casamento devia effectuar-se um anno depois que d'aqui sahiste. Não se effectuou por circumstancias que occorreram depois, e com grande magua minha, pois gostava della. Antes e depois amei e fui amado muitas vezes ; mas nem depois nem antes, e por nenhuma mulher fui amado jámais como fui.....

— Por tua prima ? perguntei eu.

— Não ; por uma oria de casa.

Olhámos todos espantados um para outro. Ignorávamos esta circumstancia, e estavamos a cem leguas de semelhante conclusão. Coutinho não

parece attender ao nosso espanto ; sacudia distrahidamente a cinza do charuto e parecia absorto na recordação que o seu espirito evocava.

— Chamava-se Marianna, continuou elle alguns minutos depois, e era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa , e recebendo de minha mãe os mesmos affagos que ella dispensava ás outras filhas. Não se sentava á mesa, nem vinha á sala em occasião de visitas, eis a differença ; no mais era como se fosse pessoa livre , e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal. Marianna possuia a intelligencia da sua situação, e não abusava dos cuidados com que era tratada. Comprehendia bem que na situação em que se achava , só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade de sua senhora.

A sua educação não fôra tão completa como a de minhas irmãs ; contudo, Marianna sabia mais do que outras mulheres em igual caso. Além dos trabalhos de agulha que lhe foram ensinados com extremo zêlo , aprendera a lêr e a escrever. Quando chegou aos 15 annos teve desejo de saber francez, e minha irmã mais moça lh'o ensinou com tanta paciencia e felicidade , que Marianna em pouco tempo ficou sabendo tanto como ella.

Como tinha intelligencia natural , todas estas cousas lhe foram faceis. O desenvolvimento do seu espirito não prejudicava o desenvolvimento de seus encantos. Marianna aos 18 annos era o typo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o fogo atravez da tez morena do rosto , fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados. Tinha os cabellos naturalmente encaracollados e curtos. Talhe esbelto e elegante , collo voluptuoso , pé pequeno e mãos de senhora. É impossivel que eu esteja a idealisar esta creatura que ha tanto me desapareceo dos olhos ; mas não estarei muito longe da verdade.

Marianna era apreciada por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras. Meu tio, João Luiz, dizia-me muitas vezes : — « Porque diabo está tua mãe guardando aqui em casa esta flor peregrina ? A rapariga precisa de tomar ar. »

Posso dizer, agora que já passou muito tempo , esta preocupação do tio nunca me passou pela cabeça ; acostumado a ver Marianna bem tratada parecia-me ver nella uma pessoa de familia, e além disso, ser-me-hia doloroso contribuir para causar tristeza a minha mãe.

Amelia ia lá a casa algumas vezes ; mas era ao principio , e antes que nenhum namoro houvesse entre nós. Cuido , porém , que foi Marianna quem chamou a attenção da moça para mim. Amelia deu-m'o a entender um dia. O certo é que uma tarde , depois de jantar , estavamos a tomar

café no terraço, e eu reparei na belleza de Amelia com uma attenção mais demorada que de costume. Fosse acaso ou phenomeno magnetico, a moça olhava tambem para mim. Prolongaram-se os nossos olhares... ficámos a amar um ao outro. Todos os amores começam pouco mais ou menos, assim.

Acho inutil contar minuciosamente este namoro de rapaz, que vocês em parte conhecem, e que não apresentou episodio notavel. Meus paes aprovaram a minha escolha; os paes de Amelia fizeram o mesmo. Nada se oppunha á nossa felicidade. Preparei-me um dia de ponto em branco e fui pedir a meu tio a mão da filha. Foi-me ella concedida, com a condição apenas de que o casamento seria effectuado alguns mezes depois, quando o irmão de Amelia tivesse completado os estudos, e pudesse assistir á cerimonia com a sua carta de bacharel.

Durante este tempo Marianna estava em casa de uma parenta nossa que nol-a foi pedir para costurar uns vestidos. Marianna era excellente costureira. Quando ella voltou para casa, estava assentado o meu casamento com Amelia; e, como era natural, eu passava a maior parte do tempo em casa da prima, saboreando aquellas castas effusões de amor e ternura que antecedem o casamento. Marianna notou as minhas prolongadas ausencias, e, com uma dissimulação assaz intelligente, indagou de minha irmã Josepha a causa dellas. Disse-lh'o Josepha. Que se passou então no espirito de Marianna? Não sei; mas no dia seguinte, depois do almoço quando eu me dispunha a ir vestir-me, Marianna veio encontrar-me no corredor que ia ter ao meu quarto, com o pretexto de entregar-me um maço de charutos que me cahira do bolso. O maço fôra previamente tirado da caixa que eu tinha no quarto.

— Aqui tem, disse ella com voz tremula.

— O que é? perguntei.

— Estes charutos... cahiram do bolso de senhor moço.

— Ah!

Recebi o maço de charutos e guardei-o no bolso do casaco; mas durante esse tempo, Marianna conservou-se diante de mim. Olhei para ella tinha os olhas postos no chão.

— Então, que fazes tu? disse eu em tom de galhofa.

— Nada, respondeo ella levantando os olhos para mim. Estavam rasos de lagrimas.

Admirou-me essa manifestação inesperada da parte de uma rapariga que todos estavam acostumados a ver alegre e descuidosa da vida. Suppuz que houvesse commettido alguma falta e recorresse a mim para protegela

junto de minha mãe. Nesse caso a falta devia ser grande, porque minha mãe era a bondade em pessoa, e tudo perdoava ás suas amadas crias.

— Que tens, Marianna? perguntei.

E como ella não respondesse e continuasse a olhar para mim, chamei em voz alta por minha mãe. Marianna apressou-se a tapar-me a bocca, e esquivando-se ás minhas mãos fugio pelo corredor fóra.

Fiquei a olhar ainda alguns instantes para ella, sem comprehender nem as lagrimas, nem o gesto, nem a fuga. O meu principal cuidado era outro; a lembrança do incidente passou depressa, fui vestir-me e sahi.

Quando voltei a casa não vi Marianna, nem reparei na falta della. Acontecia isso muitas vezes. Mas depois de jantar lembrou-me o incidente da vespera, e perguntei a Josepha o que haveria magoado a rapariga que tão romanescamente me fallára no corredor.

— Não sei, disse Josepha, mas alguma cousa haverá porque Marianna anda triste desde ante-hontem. Que suppões tu?

— Alguma cousa faria e tem medo da mamãe.

— Não, disse Josepha; pode ser antes algum namoro.

— Ah! tu pensas que?

— Pode ser.

— E quem será o namorado da senhora Marianna, perguntei rindo. O copeiro ou o cocheiro?

— Tanto não sei eu; mas seja quem fôr, será alguém que lhe inspirasse amor; é quanto basta para que se mereçam um ao outro.

— Philosophia humanitaria!

— Philosophia de mulher, respondeo Josepha com um ar tão serio que me impoz silencio.

Marianna não me appareceo nos trez dias seguintes. No quarto dia, estavamos almoçando, quando ella atravessou a sala de jantar, tomou a benção a todos e foi para dentro. O meu quarto ficava além da sala de jantar e tinha uma janella que dava para o pateo e enfrentava com o janella do gabinete de costura. Quando fui para o meu quarto, Marianna estava nesse gabinete occupada em preparar varios objectos para uns trabalhos de agulha. Não tinha os olhos em mim, mas eu percebia que o seu olhar acompanhava os meus movimentos. Approximei-me da janella e disse-lhe:

— Está mais alegre, Marianna?

A mulatinha assustou-se, voltou a cara para diversos lados, como se tivesse medo de que as minhas palavras fossem ouvidas, e finalmente impoz-me silencio com o dedo na bocca.

— Mas que é? perguntei eu dando á minha voz a moderação compativel com a distancia.

Sua unica resposta foi repetir-me o mesmo gesto.

Era evidente que a tristeza de Marianna tinha uma causa mysteriosa, pois que ella receava revellar nada a esse respeito.

Que seria senão algum namoro, como minha irmã suppunha? Convinco disto, e querendo continuar uma investigação curiosa, aproveitei a primeira occasião que se me offereceo.

— Que tens tu, Marianna? disse eu; andas triste e mysteriosa. É algum namorico? Anda, falla; tu és estimada por todos cá de casa. Se gostas de alguem poderás ser feliz com elle por que ninguem te opporá obstaculos aos teus desejos.

— Ninguem? perguntou ella com singular expressão de incredulidade.

— Quem teria interesse nisso?

— Não fallemos nisso, nhonhó. Não se trata de amores, que eu não posso ter amores. Sou uma simples escrava.

— Escrava, é verdade, mas escrava quasi senhora. És tratada aqui como filha da casa. Esqueces esses beneficios?

— Não os esqueço; mas tenho grande pena em havel-os recebido.

— Que dizes insolente?

— Insolente? disse Marianna com altivez. Perdão! continuou ella voltando á sua humildade natural e ajoelhando-se a meus pés; perdão se disse aquillo; não foi por querer: eu sei o que sou; mas se nhonhó soubesse a razão estou certa que me perdoaria.

Commoveo-me esta linguagem da rapariga. Não sou máo; comprehendí que alguma grande preocupação teria feito com que Marianna esquecesse por instantes a sua condição e o respeito que nos devia a todos.

— Está bom, disse eu, levanta-te e vae-te embora; mas não tornes a dizer cousas dessas que me obrigas a contar tudo á senhora velha.

Marianna levantou-se, agarrou-me na mão, beijou-a repetidas vezes entre lagrimas e desapareceo.

Todos estes acontecimentos tinham chamado a minha attenção para a mulatinha. Parecia-me evidente que ella sentia alguma cousa por alguem, e ao mesmo tempo que o sentia, certa elevação e nobresa. Taes sentimentos contrastavam com a fatalidade da sua condição social. Que seria uma paixão d'aquella pobre escrava educada com mimos de senhora? Reflecti longamente nisto tudo, e concebi um projecto romantico: obter a confissão franca de Marianna, e, no caso em que se tratasse de um amor

que a podesse tornar feliz , pedir a minha mãe a liberdade da escrava.

Josepha approvou a minha idéa, e incumbio-se de interrogar a rapariga e alcançar pela confiança aquillo que me seria mais difficil obter pela imposição ou se quer pelo conselho.

Marianna recusou dizer cousa nenhuma a minha irmã. Debalde empregou esta todos os meios de seducção possiveis entre uma senhora e uma escrava. Marianna respondia invariavelmente que nada havia que confessar. Josepha communicou-me o que se passára entre ambas.

— Tentarei eu, respondi; verei se sou mais feliz.

Marianna resistio ás minhas interrogações repetidas , asseverando que nada sentia e rindo de que se pudesse suppôr semelhante cousa. Mas era um riso forçado, que antes confirmava a suspeita do que a negativa.

— Bem , disse eu , quando me convenci de que nada podia alcançar ; bem, tu negas o que te pergunto. Minha mãe saberá interrogar-te.

Marianna estremeceo.

— Mas, disse ella, porque razão sinhá velha ha-de saber disto ? Eu já disse a verdade.

— Não disseste, respondi eu ; e não sei porque recusas dizel-a quando tratamos todos da tua felicidade.

— Bem , disse Marianna com resolução , promette que se eu disser a verdade não me interrogará mais ?

— Prometto, disse eu rindo.

— Pois bem ; é verdade que eu gosto de uma pessoa...

— Quem é ?

— Não posso diser.

— Porque ?

— Porque é um amor impossivel.

— Impossivel ? Sabes o que são amores impossiveis ?

Roçou pelos labios da mulatinha um sorriso de amargura e dor.

— Sei ! disse ella.

Nem pedidos, nem ameaças conseguiram de Marianna uma declaração positiva a este respeito. Josepha foi mais feliz do que eu ; conseguiu, não arrancar-lhe o segredo , mas suspeitar-lh'o , e veio dizer-me o que lhe parecia

— Que seja eu o querido de Marianna? perguntei-lhe com um riso de mofa e incredulidade. Estás louca, Josepha. Pois ella atrever-se-hia !...

— Parece que se atrevo.

— A descoberta é galante ; e realmente não sei o que pense disto...

Não continuei ; disse a Josepha que não fallasse em semelhante cousa

e desistisse de maiores explorações. Na minha opinião o caso tomava outro character ; tratava-se de uma simples exaltação de sentidos.

Enganei-me.

Cerca de cinco semanas antes do dia marcado para o casamento , Marianna adoeceu. O medico deu á molestia um nome barbaro, mas na opinião de Josepha era doença de amor. A doente recusou tomar nenhum remedio ; minha mãe estava louca de pena ; minhas irmãs sentiam deveras a molestia da escrava. Esta ficava cada vez mais abatida ; não comia, nem se medicava ; era de receiar que morresse. Foi nestas circumstancias que eu resolvi faser um acto de caridade. Fui ter com Marianna e pedi-lhe que vivesse.

— Manda-me viver ? perguntou ella.

— Sim.

— Foi efficaz a lembrança ; Marianna restabeleceo-se em pouco tempo. Quinze dias depois estava completamente de pé.

Que esperanças concebera ella com as minhas palavras, não sei ; cuido que ellas só tiveram effeito por lhe acharem o espirito abatido. Acazo contrario ella que eu desistisse do casamento projectado e do amor que tinha á prima, para satisfazer os seu amores impossiveis? Não sei ; o certo é que não só se lhe restaurou a saude como tambem lhe voltou a alegria primitiva.

Confesso , entretanto que, apezar de não compartilhar de modo nenhum os sentimentos de Marianna, entrei a olhar para ella com outros olhos. A rapariga tornára-se interessante para mim, e qualquer que seja a convicção de uma mulher, ha sempre dentro de nós um fundo de vaidade que se lisongeia com a affeição que ella nos vote. Além disto, surgio em meu espirito uma idéa, que a razão pode condemnar, mas que nossos costumes aceitam perfeitamente. Marianna encarregára-se de provar que estava acima das velleidades. Um dia de manhã fui accordado pelo alvoroço que havia em casa. Vesti-me á pressa e fui saber o que era. Marianna tinha desapareido de casa. Achei minha mãe desconsoladissima : estava triste e indignada ao mesmo tempo. Doia-lhe a ingratidão da escrava. Josepha veio ter commigo.

— Eu suspeitava, disse ella, que alguma cousa acontecesse. Marianna andava alegre de mais ; parecia-me contentamento fingido para encobrir algum plano. O plano foi este. Que te parece ?

— Creio que devemos fazer esforços para captural-a, e uma vez restituída á casa, collocar-a na situação verdadeira do captiveiro.

Disse isto por me estar a doer o desespero de minha mãe. A verdade é que, por simples egoismo, eu desculpava o acto da rapariga.

Parecia-me natural, e agradava-me ao espirito, que a rapariga tivesse fugido para não assistir á minha ventura, que seria realidade d'ahi a dito dias. Mas a idéa de suicidio veio agoar-me o gosto; estremeci com a suspeita de ser involuntariamente causa de um crime dessa ordem; impellido pelo remorso, sahi apressadamente em busca de Marianna.

Achei-me na rua sem saber o que devia fazer. Andei cêrca de vinte minutos inutilmente, até que me occorreo a idéa natural de recorrer á policia; era prosaica a intervenção da policia, mas eu não fazia romance; ia simplesmente em cata de uma fugitiva.

A policia nada sabia de Marianna; mas lá deixei a nota competente; correram agentes em todas as direcções: fui eu mesmo saber nos arrabaldes se havia noticia de Marianna. Tudo foi inutil; ás trez horas da tarde voltei para casa sem poder tranquillisar minha familia. Na minha opinião tudo estava perdido.

Fui á noite a casa de Amelia, aonde não fôra de tarde, motivo pelo qual havia recebido um recado em carta a uma de minhas irmãs. A casa de minha prima ficava em uma esquina. Eram oito horas da noite quando cheguei á porta da casa. A trez ou quatro passos estava um vulto de mulher cosido com a parede. Approximei-me: era Marianna.

— Que fazes aqui? perguntei eu.

— Perdão, nhonhó; vinha vê-lo.

— Ver-me? mas porque sahistes de casa, onde eras tão bem tratada, e donde não tinhas o direito de sahir, porque és captiva?

— Nhonhó, eu sahi porque soffria muito...

— Soffrias muito! Tratavam-te mal? Bem sei o que é; são os resultados da educação que minha mãe te deu. Já te suppões senhora e livre. Pois enganas-te; has-de voltar já e já para casa. Soffrerás as consequências da tua ingratitude. Vamos...

— Não! disse ella; não irei.

— Marianna, tu abusas da affeição que todos temos por ti. Eu não tolero essa recusa, e se me repetes isso.....

— Que fará?

— Irás á força; irás com dous soldados.

— Nhonhó fará isso? disse ella com voz tremula. Não quero obrigar-o a encommendar os soldados; iremos juntos, ou irei só. O que eu queria, é que nhonhó não fosse tão cruel... por que enfim eu não tenho culpa se... Paciencia! vamos... eu vou.

Marianna começou a chorar. Tive pena della.

— Tranquilla-te, Marianna, disse-lhe; eu intercederei por ti. Mamãe não te fará mal.

— Que importa que faça? Eu estou disposta a tudo... Ninguém tem que ver com as minhas desgraças... Estou prompta; podemos ir.

— Saibamos outra cousa, disse eu, alguém te seduzio para fugir?

Esta pergunta era astuciosa; eu desejava apenas desviar do espirito da rapariga qualquer suspeita de que eu soubesse dos seus amores por mim. Foi desastrada a astucia. O unico effeito da pergunta foi indignal-a.

— Se alguém me seduzio? perguntou ella; não, ninguém; fugi por que eu o amo, e não posso ser amada, e sou uma infeliz escrava. Aqui está por que eu fugi. Podemos ir; já disse tudo. Estou prompta a carregar com as consequencias disto.

Não pude arrancar mais nada a rapariga. Apenas, quando lhe perguntei se havia comido, respondeo-me que não, mas que não tinha fome.

Chegámos a casa eu e ella perto das nove horas da noite. Minha mãe, já não tinha esperanças de tornar a ver Marianna; o prazer que a vista da escrava lhe deu foi maior que a indignação pelo seu procedimento. Começou por invectival-a. Intercedi a tempo de acalmar a justa indignação de minha mãe e Marianna foi dormir tranquillamente.

Não sei se tranquillamente. No dia seguinte tinha os olhos inchados e estava triste. A situação da pobre rapariga interessára-me bastante, o que era natural, sendo eu a causa indirecta d'aquella dor profunda. Falei muito nesse episodio em casa de minha prima. O tio João Luiz disse-me em particular que eu fôra um asno e um ingrato.

— Porquê? perguntei-lhe.

— Porque devias ter posto Marianna debaixo da minha protecção, afim da livral-a do máo tratamento que vae ter.

— Ah! não, minha mãe já lhe perdoou.

— Nunca lhe perdoará como eu.

Falei tanto em Marianna que minha prima entrou a sentir un disparatado ciúme. Protestei-lhe que era loucura e abatimento ter zelos de uma cria de casa, e que o meu interesse era simples sentimento de piedade. Parece que as minhas palavras não lhe fizeram grande impressão.

Extremamente leviana, Amelia não soube conservar a necessaria dignidade quando foi a minha casa. Conversou muito na necessidade de tratar severamente as escravas, e achou que era dar máo exemplo mandar-lhes ensinar alguma cousa.

Minha mãe admirou-se muito desta linguagem na bocca de Amelia e

redarguiu com asperesa o que lhe dava direito a sua vontade. Amelia insistio ; minhas irmãs combateram as suas opiniões : Amelia ficou amuada. Não havia peor posição para uma senhora.

Nada escapára a Marianna desta conversa entre Amelia e minha familia ; mas ella era dissimulada e nada disse que podesse trahir os seus sentimentos. Pelo contrario redobrou de esforços para agradar a minha prima ; desfez-se em ágrados e respeitos. Amelia recebia todos essas demonstrações com visivel sobranceria em vez de as receber com fria dignidade.

Na primeira occasião em que pude fallar a minha prima, chamei a sua attenção para esta situação absurda e ridicula. Disse-lhe que, sem o querer, estava a humilhar-se de ante de uma escrava. Amelia não comprehendendo o sentimento que me dictou estas palavras, nem a procedencia das minhas palavras. Vio n'aquillo uma defesa de Marianna ; respondeu-me com algumas palavras duras e retirou-se para os aposentos de minhas irmãs onde chorou á vontade. Finalmente tudo se acalmou e Amelia voltou tranquilla para casa.

Quatro dias antes do dia marcado para o meu casamento, era a festa do natal. Minha mãe costumava dar festas ás escravas. Era um costume que lhe deixára minha avó. As festas consistiam em dinheiro ou algum objecto de pouco valor. Marianna recebia ambas as cousas por uma especial graça. De tarde tiveram gente em casa para jantar : alguns amigos e parentes. Amelia estava presente. Meu tio João Luiz era grande amador de discursos á sobre mesa. Mal começavam a entrar os doces, quando elle se levantou e começou um discurso que, a julgar pelo introito, devia ser extenso. Como elle tinha summa graça, eram geraes as risadas desde que empunhou o copo. Foi no meio dessa geral alegria que uma das escravas veio dar parte de que Marianna havia desaparecido.

Este segundo acto de rebeldia da mulatinha produzio a mais furiosa impressão em todos. Da primeira vez houve alguma magoa e saudade de mistura com a indignação. Desta vez houve indignação apenas. Que sentimento devia inspirar a todos a insistencia dessa rapariga em fugir de uma casa onde era tratada como filha ? Ninguem duvidou mais que Marianna era seduzida por alguem, idéa que da primeira vez se desvanecio mediante uma piedosa mentira da minha parte ; como duvidar agora ?

Taes não eram as minhas impressões. Senhor do funesto segredo da escrava, sentia-me penalizado por ser causa indirecta das loucuras della e das tristezas de minha mãe. Ficou assentado que se procuraria a fugitiva

e se lhe daria o castigo competente. Deixei que esse movimento de colera se consumasse, e levantei-me para ir procurar Marianna.

Amelia ficou desgostosa com esta resolução, e bem o revellou no olhar; mas eu fingi que a não percebia e sahi.

Dei os primeiros passos necessarios e usuaes. A policia nada sabia, mas ficou avisada e empregou meios para alcançar a fugitiva. Eu suspeitava que desta vez ella tivesse commettido suicidio; fiz neste sentido as diligencias necessarias para ter alguma noticia della viva ou morta.

Tudo foi inutil.

Quando voltei a casa eram dez horas da noite; todos estavam á minha espera, menos o tio e a prima que já se haviam retirado.

Minha irmã contou-me que Amelia sahira furiosa, por que achava que eu estava dando maior attenção do que devia a uma escrava, embóra bonita, accrescentou ella.

Confesso que n'aquelle momento o que me preocupava mais, era Marianna; não por que eu correspondesse aos seus sentimentos por mim, mas porque eu sentia serios remorsos de ser causa de um crime. Fui sempre pouco amante de aventuras e lances arriscados e não podia pensar sem algum terror na possibilidade de morrer alguém por mim.

Minha vaidade não era tamanha que me abaffasse os sentimentos de piedade christã. Neste estado as invectivas da minha noiva não me fizeram grande impressão, e não foi por causa dellas que eu passei a noite em claro.

Continuei no dia seguinte as minhas pesquisas, mas nem eu nem a policia fomos felizes.

Tendo andado muito, já a pé, já de tilburi, achei-me ás cinco horas da tarde no largo de S. Francisco de Paula, com alguma vontade de comer a casa ficava um pouco longe e eu queria continuar depois as minhas averiguações. Fui jantar a um hotel que então havia na antiga rua dos Latoeiros.

Comecei a comer distrahido e ruminando mil idéas contrarias, mil supposições absurdas. Estava no meio do jantar quando vi descer do segundo andar da casa um criado com uma bandeja onde havia varios pratos cobertos.

— Não quer jantar, disse o criado ao dono do hotel que se achava no balcão.

— Não quer? perguntou este; mas então... não sei o que faça... reparaste se... Eu acho bom ir chamar a policia.

Levantei-me da mesa e approximei-me do balcão.

— De que se trata ? perguntei eu.

— De uma moça que aqui appareceo hontem, e que ainda não comeo até hoje...

Pedi-lhe os signaes da pessoa mysteriosa. Não havia duvida. Era Marianna.

— Creio que sei quem é, disse eu, e ando justamente em procura della. Deixe-me subir :

O homem hesitou; mas a consideração de que não lhe podia convir continuar a ter em casa uma pessoa por cuja causa viesse a ter questões com a policia, fez com que me deixasse o caminho livre.

Acompanhou-me o criado, a quem incumbi de chamar por ella, porque se conhecesse a minha voz, suppunha eu que me não quizesse abrir.

Assim se fez. Marianna abriu a porta e eu appareci. Deu um grito estridente e lançou-se-me nos braços. Repelli aquella demonstração com toda a brandura que a situação exigia.

— Não venho aqui para receber-te abraços, disse eu; venho pela segunda vez buscar-te para casa, donde pela segunda vez fugiste.

A palavra *fugiste* escapou-me dos labios; todavia, não lhe dei importancia senão quando vi a impressão que ella produziu em Marianna. Confesso que devêra ter alguma caridade mais; mas eu queria conciliar os meus sentimentos com os meus deveres, e não fazer com que a mulher não se esquecesse de que era escrava. Marianna parecia disposta a soffrer tudo dos outros, com tanto que obtivesse a minha compaixão. Compaixão tinha-lhe-eu; mas não lh'o manifestava, e era esse todo o mal.

Quando a fugitiva recobrou a falla, depois das emoções diversas porque passára desde que me vio chegar, declarou positivamente que era sua intenção não sahir d'alli. Insisti com ella dizendo-lhe que poderia ganhar tudo procedendo bem, ao passo que tudo perderia continuando n'aquella situação.

— Pouco importa, disse ella; estou disposta a tudo.

— A matar-te, talvez? perguntei eu.

— Talvez, disse ella sorrindo melancolicamente; confesso-lhe até que a minha intenção era morrer na hora do seu casamento, afim de que fossemos ambos felizes, — nhonhó casando-se, eu morrendo.

— Mas desgraçada, tu não vês que...

— Eu bem sei o que vejo, disse ella; descance; era essa a minha intenção, mas pode ser que o não faça...

Compreendi que era melhor leval-a pelos meios brandos; entrei a empregar-os sem esquecer nunca a reserva que me impunha a minha posição.

Marianna estava resolvida a não voltar. Depois de gastar cerca de uma hora, sem nada obter, declarei-lhe positivamente que ia recorrer aos meios violentos, e que já lhe não era possível resistir. Perguntou-me que meior eram; disse-lhe que eram os agentes policiaes.

— Bem vês, Marianna, acrescentei, sempre has-de ir para casa; é melhor que me não obrigues a um acto que me causaria alguma dor.

— Sim? perguntou ella com ancia; teria dor em levar-me assim para casa?

— Alguma pena teria de certo, respondi; porque tu foste sempre boa rapariga; mas que farei eu se continuas a insistir em ficar aqui?

Marianna encostou a cabeça á parede e começou a soluçar; procurei acalmal-a; foi impossivel. Não havia remedio; era necessario empregar o meio heroico. Sahi ao corredor para chamar pelo criado que tinha descido logo depois que a porta se abriu.

Quando voltei ao quarto, Marianna acabava de fazer um movimento suspeito. Parecia-me que guardava alguma cousa no bolso. Seria alguma arma?

— Que escondeste ahi? perguntei eu.

— Nada, disse ella.

— Marianna, tu tens alguma idéa terrivel no espirito... Isso é alguma arma...

— Não, respondeo ella.

Chegou o criado e o dono da casa. Expuz-lhes em voz baixa o que queria; o criado sahio, o dono da casa ficou.

— Eu suspeito que ella tem alguma arma no bolso para matar-se; cumpre arrancar lh'a.

Dizendo isto ao dono da casa, aproximei-me de Marianna.

— Dá-me o que tens ahi.

Ella contrahio um pouco o rosto. Depois, mettendo a mão no bolso, entregou-me o objecto que lá havia guardado.

Era um vidro vasio.

— Que é isto, Marianna? perguntei eu, assustado.

— Nada, disse ella; eu queria matar-me depois d'amanhã. Nhonó apressou a minha morte; nada mais.

— Marianna! exclamei eu atterrado.

— Oh! continuou ella com voz fraca; não lhe quero mal por isso. Nhonó não tem culpa: a culpa é da natureza. Só o que eu lhe peço é que não me tenha raiva, e que se lembre algumas vezes de mim...

Marianna cahio sobre a cama. Pouco depois entrava o inspector. Cha-

mou-se á pressa um medico ; mas era tarde. O veneno era violento ; Marianua morreu ás 8 horas da noite.

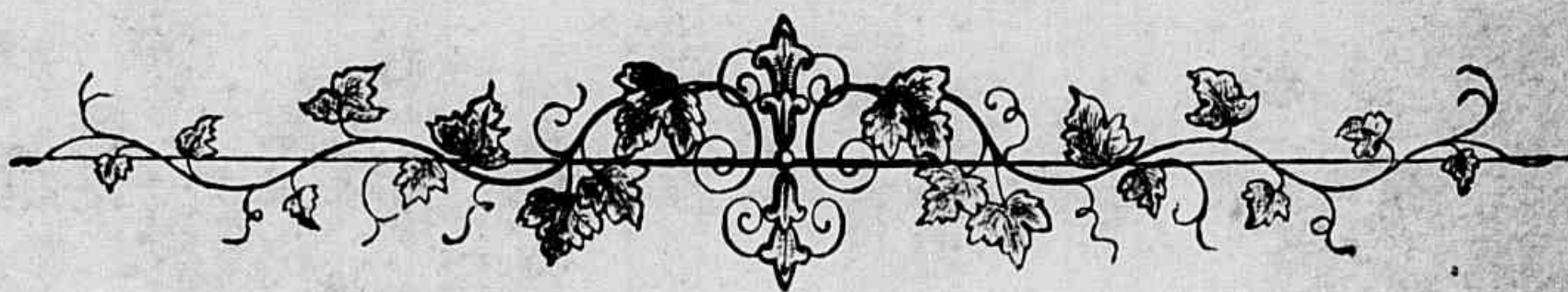
Soffri muito com este acontecimento ; mas alcancei que minha mãe perdoasse á infeliz, confessando-lhe a causa da morte della. Amelia nada soube, mas nem por isso deixou o facto de influir em seu espirito. O interesse com que eu procurei a rapariga , e a dor que a sua morte me causou, transtornaram a tal ponto os sentimentos da minha noiva , que ella rompeo o casamento dizendo ao pae que havia mudado de resolução.

Tal foi , meus amigos , este incidente da minha vida. Creio que posso dizer ainda hoje que todas as mulheres de quem tenho sido amado , nenhuma me amou mais do que aquella. Sem alimentar-se de nenhuma esperança, entregou-se alegremente ao fogo do martyrio ; amor obscuro , silencioso, desesperado, inspirando o riso ou a indignação, mas no fundo, amor immenso e profundo, sincero e inalteravel. »

Continho concluiu assim a sua narração , que foi ouvida com tristeza por todos nós. Mas d'ahi a pouco sahiamos pela rua do Ouvidor fóra, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e opportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade.

J. J.





AYRES E VERGUEIRO.



ra muito alva, cheia de corpo, assaz bonita e elegante, a esposa de Luis Vergueiro. Chamava-se Carlota. Contava vinte e dous annos e parecia destinada a envelhecer muito tarde. Não sendo franzina, não tinha nenhuma ambição de parecer vaporosa, pelo que era dada á boa meza, e detestava o principio de que uma moça para parecer bonita deve comer pouco.

Carlota comia soffrivelmente, mas em compensação só bebia agua, uso que, na opinião do marido era causa de se lhe não afoguearem as faces como convinha a uma belleza robusta.

Requestada por muitos rapazes no anno da maioridade, deu ella a preferencia ao S. Luis Vergueiro que, posto não fosse mais bonito que os outros, tinha qualidades que o punham muito acima de todos os rivaes. Destes se podia dizer que os movia a ambição; tinham geralmente pouco mais de nada; Vergueiro não era assim, iniciava um negociosinho de fazendas que lhe ia dando esperanças de enriquecer, ao passo que a amavel Carlota apenas tinha ahi uns dez contos, dote feito pelo padrinho.

Cahiu a escolha em Vergueiro, e o casamento foi celebrado com alguma pompa, sendo padrinhos um deputado maiorista e um coronel do tempo da revolução de campo.

Nunca houve casamento mais fallado que aquelle ; a belleza da noiva, a multiplicidade dos rivaes, a pompa da cerimonia, tudo deu que fallar durante uns oito dias antes e depois, até que a vadiação do espirito publico achou novo alimento.

Vergueiro alugou a casa que ficava por cima da sua loja , e para lá levou a mulher, satisfazendo assim as obrigações publicas e privadas, consorciando facilmente a bolsa e o coração. A casa era na rua de S. José. D'ahi a pouco tempo comprou a casa , e isto fez dizer que o casamento, longe de lhe pôr um cravo na roda da fortuna, veio antes ajudal-o.

Tinha Vergueiro uma irmã casada no interior. Morre-lhe o marido, e a irmã veio para o Rio de Janeiro onde foi recebida pelo irmão com todas as demonstrações de affecto. As duas cunhadas sympathisaram logo uma com a outra, e esta presença de uma extranha, (para recém-casados todos são extranhos) não alterou a felicidade domestica do casal Vergueiro.

Luisa Vergueiro não era bonita , mas tinha uma graça especial , uns modos todos seus, uma cousa que se não explica, e esse mysterioso dom, essa qualidade indefinivel encadeou para sempre o coração de Pedro Ayres, rapaz de trinta annos perfectos, morador na vizinhança.

Digão-me lá o que pode fazer uma pobre viuva ainda moça, que apenas esteve casada dous annos. Luisa não era da massa das Arthemisas. Tinha chorado o osposo, e se tivesse talento, podia escrever uma excellente biographia d'elle, honrosa para ambos. Mas isso era tudo que se podia exigir d'ella ; não possuia um tumulto no coração , possuia um ninho ; e um ninho deserto é a cousa mais triste d'este mundo.

Não foi Luisa insensivel aos olhares requebrados de Pedro Ayres , e serei justo dizendo que occultou quanto pôde a impressão que o moço fazia n'ella. Ayres pertencia áquella raça de namoradores que não abatem armas logo á primeira resistencia. Insistio nos olhares entremeados com alguns sorrisos ; chegou a interrogar miudamente um moleque da casa, cuja discrição não pôde resistir a uma moeda de prata. O moleque foi além ; aceitou uma carta para a viuvinha.

A viuvinha respondeo.

D'aqui em diante correram as cousas com aquella celeridade natural entre dous corações que se querem , que são livres, que não podem viver um sem outro.

Carlota percebeo o namoro, mas respeitou a discrição da cunhada, que nenhuma confissão lhe fez. Vergueiro estava no extremo opposto da perspicacia humana ; e além d'isso as suas occupações não lhe davam tempo para perceber os namoros da irmã.

Não obstante, sorrio complacentemente quando Carlota lhe disse o que sabia.

— Pensas que eu ignoro isso? perguntou o marido brincando com a corrente do relógio.

— Alguem t'o contou? perguntou a mulher.

— Ninguém me contou nada, mas para que tenho eu olhos senão para ver o que se passa á roda de mim? Sei que esse rapaz anda cá a namorar a Luisa, estou a ver em que parão as cousas.

— É facil de ver.

— Casamento, não?

— Que duvida!

Vergueiro coçou a cabeça.

— N'esse caso, disse elle, acho bom indagar alguma cousa da vida do pretendente; pode ser algum tratante...

— Eu já indaguei tudo.

— Tu?

Carlota passou-lhe os braços á roda do pescoço.

— Eu, sim! As mulheres são curiosas; vi o Tobias entregar uma cartinha á Luisa; interroguei o Tobias, e elle disse-me que o rapaz é um moço serio e tem alguma cousa de seu.

— Tem, tem, disse Vergueiro. Que achas?

— Que os devemos casar.

— Entende-te tu com ella, e conta-me o que souberes.

— Bem.

Carlota cumprio fielmente a ordem do marido, e Luisa nada lhe occultou do que se passava em seu coração.

— Queres então casar com elle?

— Elle deseja isso mesmo.

— E estão calados! Parecem-me aprendizes.

Carlota era sincera no prazer que tinha em ver casada a irmã do marido, sem se preoccupar com o resultado d'isso, que era tirar-lhe a companhia a que já se acostumára.

Vergueiro reflectio na inconveniencia de confiar nas informações de um moleque ignorante, que devia ter a respeito da probidade e da distincção idéas summamente vagas. Para supprir esta inconveniencia, lembrou-se de ir em pessoa fallar com Pedro Ayres, e assentou que o faria no domingo proximo. A mulher aprovou a resolução, mas o pretendente cortou-lhes as vasas, indo elle mesmo no sabbado a casa de Vergueiro, expôr os seus desejos e titulos.

Pedro Ayres era homem bem apessoado; tinha grandes soças e um pequeno bigóde. Vestia com certa elegancia, e tinha os gestos desembaraçados. Algum severo juiz podia achar-lhe um inexplicavel horror á grammatica; mas nem Vergueiro, nem Carlota, nem Luiza, estavam em melhores relações com a mesma senhora, de maneira que este pequeno senão, passou completamente desapercebido.

Ayres deixou a melhor impressão em toda a familia. Desde logo ficou assentado que se esperasse algum tempo, afim de completar o prazo do luto. Isso porém não embaraçou as vindas de Ayres a casa da noiva; começou indo lá tres vezes por semana, e acabou indo todos os dias.

Ao cabo de poucas semanas, já Vergueiro dizia :

— O' Ayres, queres mais assucar?

E Ayres respondia :

— Dá cá mais um pouco, Vergueiro.

Estreitou-se a amizade entre ambos. Erão necessarios um para o outro. Quando Ayres não ia a casa de Vergueiro, este passava a noute mal. Ayres detestava o jogo; mas a amizade que tinha a Vergueiro, bastou para que depressa apprendesse e jogasse o gamão, a ponto que chegou a vencer o mestre. Nos domingos, Ayres jantava com Vergueiro; e dividia a tarde e a noute entre o gamão e Luisa.

As duas moças, longe de se zangarem com este namoro dos dous, pareciam contentes e felizes. Vião n'isso uma fiança de futura concordia.

Um dia entrou Ayres na loja de Vergueiro e pediu-lhe uma conferencia particular.

— Que temos? disse Vergueiro.

— D'aqui a dous mezes, respondeo Ayres, é o meu casamento; vou ficar indissolúvelmente ligado á tua familia. Tive uma idéa...

— Uma idéa tua deve ser excellente, observou Vergueiro abaixando o collete que havia fugido insolentemente do seu lugar.

— Tenho uns contos de reis. Queres-me para socio? Ligaremos d'este modo o sangue e a bolsa.

A resposta de Vergueiro foi menos circumspecta do que convinha em casos taes. Levantou-se e cahio nos braços do amigo, exactamente como faria um sujeito fallido a quem lhe offerecessem uma taboa de salvação. Mas nem Ayres teve semelhante suspeita, nem acertaria se a tivesse. Vergueiro nutria pelo futuro cunhado um sentimento de enthusiastica amizade, e achou n'aquella idéa um documento da affeição do outro.

No dia seguinte deram os passos necessarios para organizar a sociedade, e dentro de pouco tempo foi chamado um pintor para traçar nos portaes

da loja estes dous nomes , já agora indissoluvelmente ligados : *Ayres e Vergueiro*.

Vergueiro insistio em que o nome do amigo estivesse antes do seu.

No dia d'esta pintura, houve jantar em casa, e a elle assistiram algumas pessoas intimas, todas as quaes ficaram morrendo de amores pelo socio de Vergueiro.

Estou a ver o meu leitor aborrecido com esta singela narração de occurencias prosaicas e vulgares , sem nenhum interesse romanesco , sem que appareça nem de longe a orelha de uma peripecia dramatica.

Tenha paciencia.

É verdade que, feita a sociedade, e casado o novo socio, a vida de toda esta gente não poderá offerecer interesse nenhum que valha dous caracões. Mas aqui intervem uma personagem nova, a qual vem destruir tudo o que o leitor pode imaginar. Não e só uma personagem ; são duas, irmãs ambas, ambas poderosas : a Doença e a Morte.

A' doença entrou por casa de nosso amigo Vergueiro e prostou na cama durante dous longos mezes a viuva-noiva. Não se descreve o desespero de Ayres vendo o estado grave d'aquella a quem elle amava mais que tudo. Esta circumstancia de ver o amigo desesperado, augmentou a dor de Vergueiro, que já devia sentir bastante com os padecimentos da irmã.

Do que era a molestia, divergiram os medicos ; e todos elles com solidas razões. O que não provocou nenhuma divergencia da parte dos medicos, nem das pessoas da casa foi o passamento da moça que se verificou ás 4 horas da madrugada de um dia de Setembro.

A dor de Ayres foi tremenda ; atirou-se ao caixão quando os convidados o vieram buscar para o coche , e não comeu um pedaço de pão durante tres dias.

Vergueiro e Carlota receiaram pela saude e até pela vida do malfadado noivo , pelo que foi assentado que elle se mudaria para a casa de Vergueiro, onde seria vigiado de mais perto.

Seguiu-se á expansão d'aquelle immenso infortunio um abatimento prolongado ; a alma readquirio as forças perdidas , e o corpo com ella se foi restabelecendo. No fim de um mez já o socio de Vergueiro assistia ao negocio e dirigia a escripturação.

Com verdade se diz que é nos grandes infortunios que se conhecem as verdadeiras amizades. Ayres encontrou da parte do socio e da mulher a mais sublime dedicação. Carlota foi para elle uma verdadeira irmã ; ninguém levou mais longe e mais alto a sollicitude. Ayres comia pouco ; arranjou-lhe ella comidas proprias para lhe vencer o fastio. Conversava

com elle longas horas, ensinava-lhe alguns jogos, lia-lhe o *Saint-Clair das Ilhas*, aquella velha historia de uns desterrados da ilha da Barra. Pode-se affiançar que a dedicação de Carlota foi o principal medicamento que restituiu á vida o nosso Pedro Ayres.

Vergueiro applaudia *in petto* o procedimento de sua mulher. Quem meu filho beija, minha bocca adoça, diz um adagio; Vergueiro tinha para com o socio extremos de pae; tudo o que se fizesse ao Ayres, era agradecido por elle do fundo da sua grande alma.

Nascida da sympathia, criada no infortunio commum, a amizade de Ayres e Vergueiro assumio as proporções do ideal. Na vizinhança, já ninguém recorria ás expressões proverbias para significar uma amizade intima; não se dizia de dous amigos: *são unha e carne*; dizia-se: *Ayres com Vergueiro*. Diogenes teria achado alli um homem, e realmentee ambos formavam uma só creatura.

Nunca mais succedeo andarem com roupa de côr, fazenda ou feitiio differente; vestiam-se igualmente, como se até nisso quizessem mostrar a perpetua alliança de suas nobres almas. Faziam mais: compravam chapéos e sapatos no mesmo dia, ainda que um d'elles os houvesse estragado menos que o outro.

Jantar, baile ou passeio a que um fosse, havia de ir o outro por força, e ninguém se animava a convidal-os separadamente.

Não erão, pois, dous socios simples que procuravam dos seus esforços juntos obter cada qual a sua riqueza.

Não.

Erão dous amigos intimos, dous corações iguaes, dous irmãos Siameses, eternamente vinculados na terra, labutando para alcançar os bens da sorte, mas sem nenhuma idéa de os separarem jámais.

E a fortuna os ajudou por maneira que dentro de dous annos já havia idéa de liquidar o negocio, e irem os dous e mais Carlota viver tranquillamente em uma fazenda, comendo o ganhado na graça de Deus e pleno esquecimento dos homens.

Que máo demonio, que ruim espirito veio metter-se entre elles para lhes impedir esta excellente idéa?

A fortuna varia como a mulher; depois de os haver favorecido, começou a desandar. Metteram-se elles em negocios arriscados e perderam alguma cousa. Todavia ainda tinham um bom peculio.

— Vamos liquidar? perguntou um dia Ayres a Vergueiro.

— Vamos.

Inventariaram as fazendas, cotejaram o seu valor com a somma das di-

vidas, e repararam que, se pagassem integralmente aos credores, ficariam com uma somma mesquinha para ambos.

— Continuemos o negocio, disse Ayres; trabalharemos até resgatar-mos a antiga posição.

— Justo... mas eu tenho uma idéa, disse Vergueiro.

— E eu tenho outra respondeu o socio. Qual é a tua?

— Dir-t'a-hei domingo.

— E eu communicarei n'esse mesmo dia a minha idéa, e veremos qual d'ellas serve, ou se se combinão ambas.

Seria cousa extremamente nova, e até certo ponto digna de pasmo, que aquelles modelos da verdadeira amizade tivessem idéas divergentes. A idéa annunciada para o domingo seguinte era a mesmissima idéa, tanto no cerebro de Ayres, como no de Vergueiro.

Consistia em liquidar á sorrelfa; irião vendendo pouco a pouco as fazendas, e sahirião da corte sem dizer adeus aos credores.

A idéa não era original; bonita parece que tambem não; mas era util e praticavel.

Ficou assentado que esta resolução não seria communicada á mulher de Vergueiro.

— Reconheço, disia Ayres, que é uma senhora de alta prudencia e rara discrição....

— Não tem duvida.

— Mais o espirito das senhoras é cheio de alguns escrupulos, e se ella nos fosse á mão, tudo ficaria perdido.

— Estava pensando a mesma cousa, observou Vergueiro.

Concordes na promessa não menos o foram na infidelidade. No dia seguinte, Ayres ia communicar confidencialmente o plano á esposa de Vergueira, e começou a dizer :

— Nós vamos liquidar aos poucos....

— Já sei, respondeu Carlota, elle já me disse tudo.

Façamos justiça a esta distincta moça; depois de tentar dissuadir o marido do projecto, tentou dissuadir o socio. Mas tanto um como o outro ostentaram uma tenacidade de ferro em suas opiniões. Divergiam no modo de encarar a questão. Vergueiro não consetava a immoralidade do acto, mas achava que o beneficio compensava a immoralidade; reduzio a dissertação a esta expressão popular : ande eu quente e ria-se a gente.

Ayres não admittia que o projecto offendesse as leis da moral. Elle começava separando a moral e o dinheiro. O dinheiro é cousa de si tão mesquinha, que não podia penetrar na região sublime da moral.

— Deus, observava elle, não quer saber quanto pesam as algibeiras, quer saber quanto pesam as almas. Que importa que as nossas algibeiras estejam peçadas de dinheiro, contanto que as nossas almas estejam leves de peccados? Deus olha para as almas, não olha para as algibeiras.

Carlota allegou triumphantemente um dos dez mandamentos da lei de Deus; mais o socio de Vergueiro fez uma tão complicada interpretação do texto biblico, e fallou com tanta convicção, que o espirito de Carlota não achou resposta sufficiente, e aqui parou a discussão.

A que se não acostuma o coração humano? Lançada a má semente no coração da moça, depressa germinou, e o plano secreto passou a ser assumpto de conversa entre os tres conjurados.

A execução do plano começou e proseguio com espantosa felicidade. A firma Ayres e Vergueiro era tão honrada, que os portadores de lettras e outros titulos, e até os que não tinham titulos, foram aceitando todas as delongas que os dous socios lhes pedião.

As fazendas começaram a ser vendidas a resto de barato, não por annuncio, o que seria dar na vista, mas por informação particular que passava de bocca em bocca.

Nestas e n'outras occupaões se abysmava o saudoso espirito de Pedro Ayres, já agora deslembrado da destitosa Luisa. Que querem? Nada é eterno n'este mundo.

Nada liga mais fortemente os homens que o interesse; a complicitade dos dous socios apertou os vinculos da sua proverbial amizade. Era ver como elles delineavam entre si o plano da vida que os esperava quando estivessem fóra do imperio. Protestavam gozar do dinheiro sem recorrer ás alternativas do commercio. Além dos prazeres communs, Vergueiro possuia os do coração.

— Tenho Carlota, dizia elle, que é um aujo. E tu, meu Ayres? Porque te não casarás tambem?

Ayres desatou do peito um suspiro e disse com voz tremular:

— Casar? que mulher ha mais n'este mundo que possa fazer a minha felicidade?

Ditas estas palavras com outra syntaxe que eu não reproduzo por vergonha, o desditoso Ayres suffocou dous ou tres soluços e fitou os olhos no ar; depois coçou o nariz e olhou para Vergueiro:

— Olha, eu não me considero solteiro; não importa que tua irmã morresse; estou casado com ella; separa-nos apenas um tumulto.

Vergueiro apertou com enthusiasmo as mãos do socio e approvou a nobreza d'aquelles sentimentos.

Quinze dias depois d'esta conversa, Vergueiro chamou Ayres e disse que era necessario pôr termo ao plano.

— É verdade disse Ayres, as fazendas estão quasi todas vendidas.

— Subamos.

Subiram e foram ter com Carlota.

— Vou para Buenos-Ayres, começou Vergueiro.

Carlota empallideceo.

— Para Buenos-Ayres? perguntou Ayres.

— Crianças! exclamou Vergueiro! deixem-me acabar. Vou para Buenos-Ayres com o pretexto de negócios commerciaes; vocês demoram-se aqui um a dous mezes; vendem o resto, poem o dinheiro a bom recado, e partem para lá. Que lhes parece?

— A idéa não é má, observou Ayres, mas está incompleta.

— Como?

— A nossa ida deve ser publica, explicou Ayres; eu declararei a todos que tu estás doente en Buenos-Ayres e que mandas buscar tua mulher. Como alguém ha-de accompanhal-a, irei eu, promettendo voltar d'aqui a um mez; a casa fica ahi com o caixeiro, e... o resto... creio que não preciso dizer o resto.

— Sublime! exclamou Vergueiro; isto é que se chama estar adiante do seculo.

Assentado isto, annuncio aos amigos e credores que uma operação commercial o levava ao Rio da Prata; e que tomando passagem no brigue *Condor* deixou para sempre as plagas do Guanabára.

Não direi aqui as saudades que sentiram aquelles dous intimos amigos, quando se separaram, nem as lagrimas que verteram, lagrimas dignas de inspirar mais adestradas pennas do que a minha. A amizade não é um nome vão.

Carlota não menos sentio aquella separação, posto fosse de pequeno prazo. Os amigos da firma Ayres e Vergueiro viram bem o que era um quadro de verdadeira affeição.

Ayres não era pecco, appressou a venda das fazendas, realisou em boa prata o dinheiro da caixa, e antes de seis semanas recebeu de Buenos-Ayres, uma carta em que Vergueiro dizia que estava de cama, e pedia a presença de sua querida mulher.

A carta terminava assim: « Quem escreve esta é o criado da hospedaria onde eu me acho; apenas tenho forças para deitar-lhe a minha assignatura. »

O plano era excellente, e Vergueiro, lá em Buenos-Ayres, esfregava as

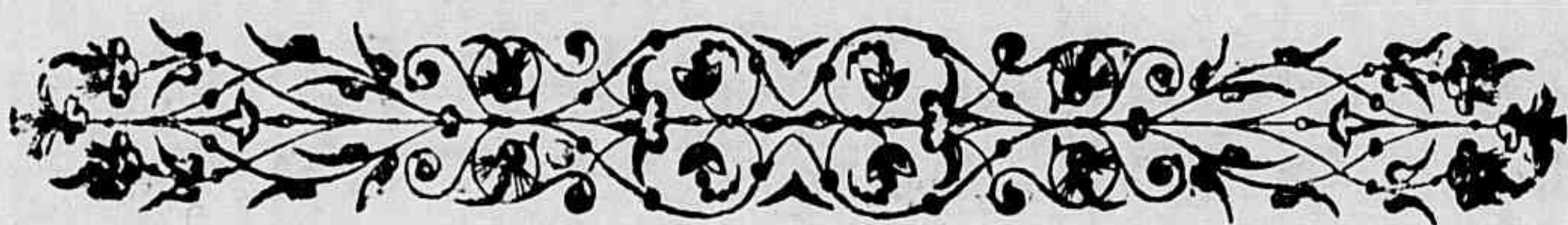
mãos de prazer saboreando os applausos que receberia do amigo e socio pela idéa de disfarçar a lettra.

Ayres applaudio effectivamente a idéa, e não menos a applaudio a amavel Carlota. Determinaram entretanto, não sahir com a publicidade assentada no primeiro plano, em vista do qual o sagaz Vergueiro escrevera a referida carta. Talvez mesmo já esse projecto fosse anterior.

O certo é que d'ahi a 10 dias, Ayres, Carlota e o dinheiro sahiram furtivamente..... para Europa.

J. J.





FLORICULTURA.

I.

Em um jornal dedicado ás damas, como o das familias, nota-se a grave falta, de que entre os artigos que tanto o illustram não haja um que se occupasse com a floricultura.

Nós propomos corrigir essa lacuna, principiando por esboçar o desenvolvimento, que a cultura das flores adquirio no Rio de Janeiro, bem como a sua decadeucia.

Como todas as causas humanas tocou o zenith, e decahiu.

Até certa epocha que não podemos precizar, por nos faltarem muitos elementos, a cultura das flores era mesquinha : observavam-se apenas alguns jasmims, o cravo roza raiado e o carmezin, que desappareceram, e o branco sempre estimado e procurado, as angelicas, a roza de cheiro e da India ; os classicos Monsenhores roxos e armarellos (*Chrysanthemum*) os *não-me-deixes* singelos ; malmequeres e algumas outras variedades de pouca ou nenhuma importancia. Um jasmin do Cabo era uma flor primorosa.

Com excepção do Jardim botanico, onde se cultivavam muitas plantas exóticas, importadas da Azia, com grandes custos e difficuldades, e o passeio publico, onde a variedade não ia mui longe, nenhum outro jardim

notavel se distinguia. Alguns particulares tinham jardim mas de pouca cultura.

Depois, e já pelos annos de 1830 a 1835 foram os jardins particulares dos senhores Russel na Gloria, e Pereira da Cunha na rua do Sabão da Cidade Nova os primeiros, notaveis pela variedade, que diffundiram o gosto do cultivo das flores; e foi por estes annos, que ás plagas do Rio de Janeiro aportaram as primeiras dhalias com o nome de georgianas ou georginas; d'ahi appareceram pelos annos de 1840 a 1845 os dos senhores Santos Xavier na rua dos Invalidos e transferido posteriormente para a de S. Christovao, Padre Manuel rua da Princeza dos Cajueiros e Mauricio no Engenho Velho. Erão estes os mais curiosos. A variedade cresceu, e alguns d'estes e d'aquelles cavalheiros importaram á sua custa bellas variedades de rozeiras e arbustos de preço; as interessantes Rainhas Margaridas, os goivos e outras flores não menos curiosas como delicadas.

Em seguida estabeleceram-se outros assaz importantes, como fossem os dos senhores Rufino Vasconcellos em S. Christovão, que principiou a florescer pelo anno de 1846, Rangel, no Engenho Velho, Gaspar, em S. Domingos de Nitheroy, Firmino Marques em Nitheroy e outros, e o commercio de plantas e flores tomou notavel incremento; em 1849 havia apenas cinco estabelecimentos de horticultura; em 1853 dez, em 1860 oito e hoje apenas seis que mereçam esse nome; o gosto pelas flores espalhou-se admiravelmente e a tal ponto, que raro era o quintalejo em que não se cultivasse uma flor qualquer.

Foi pelo anno 1843, que se deveu ao senhor Rufino Vasconcellos a primeira exposição de flores e plantas indigenas e exoticas, no estabelecimento de chá e sementes do senhor Praxedes, designado pela Loja da China na rua da candellaria nº 18, defronte da igreja. Foi tambem o senhor Praxedes o primeiro que apresentou o melhor sortimento, de sementes e bulbos, e que organisou os melhores catalogos, sahindo da rotina de listas informes de sementes de hortaliças, e fazendo-os preceder de um relatorio, ou apontamentos das exhibições mais notaveis de anno anterior.

O genio do senhor Praxedes grangeou-lhe muitas desaffeições; mas é certo que prestou elle grande serviço, tanto á floricultura como á horticultura e em summa ao paiz, e que a inveja de seus collegas lhe assacou baldões, de que não era digno.

Pelos annos de 1851 e 1852 o gosto pelas flores chegou a tal excesso, que cada camelia (flor) vendeu-se por preços fabulosos; houve quem as pagasse a 50\$000, 80\$000 e 100\$000 rs.

Por esse tempo o senhor Rufino Vascoucellos chegou a formar uma primorosa collecção de roseiras de mais de 500 variedades.

Vendeu-se nesse tempo uma *protæa argentea*, unica que existia no Rio de Janeiro por 300\$000. e uma faia por 50,00 rs. Desdo 1851 tinha-se tambem desenvolvido o gosto pelas parasytas.

A prosperidade tem seus limites, e o gosto foi decahindo. Ha hoje muitos jardins ; mas cultivam-se ou por moda, ou porque o jardim é considerado como uma necessidade da civilisação nas disposições de uma chacara. Todavia faltariamos á justiça se não fizessemos ainda honrosa menção do jardim particular do senhor Campos Porto e do estabelecimento do senhor Gaspar em Icarahy.

O gosto pelas flores perdeu-se : antes apreciavam-se soltas, e arranjadas com arte ; hoje a industria commercial estragou o gosto, e o luxo da voluptuosidade das flores desapareceu, para nos offerecerem ramos piramydaes, se devem ter tal nome, nos quaes se observam circulos de cores arranjadas sem gosto, como pintura de *borrador* em parede ou papel, mas sem que se possa distinguir a belleza de uma só flor ; antes apreciavam-se as flores pela disposição de suas petalas, pelo brilho das cores, pela belleza bizarra que ostentavam, delicadeza da forma, embriaguez do aroma, e primor de todos os conjunctos em um só ramo ; hoje encontra-se a monotonia das cores, e nada mais ; o colorido sobre o fundo verde das folhas é uma idéa prosaica, é uma andigualha de máo gosto ! As flores eram conservadas nos seus pedunculos, ostentando sobre elles as graciosas perfeições ; agora são espetadas em arames, para se accommodarem á vontade do artista, que de ordinario não passa de um pedante, de um charlatão.

O gosto pois está estragado ; ha decadencia espantosa ; e os que hoje mercadejam em flores ou em fazer ramos, são homens sahidos das cavalariças pela maior parte, que nem ao menos conhecem a harmonia das cores, para as combinarem, e ainda menos os nomes das flores com que labutam !

Pobres innocentes ! Em que mãos cahistes !

É nosso proposito pois combater o estado decadente da floricultura, e regenerar o gosto, se tanto estiver em nossas forças, por meio de uma serie de artigos, que dedicamos ao cultivo e linguagem das flores, sem que nos importemos com esse impuro *vademecum* que por ahi corre impresso junto ás folhinhas do S. Laemmert.

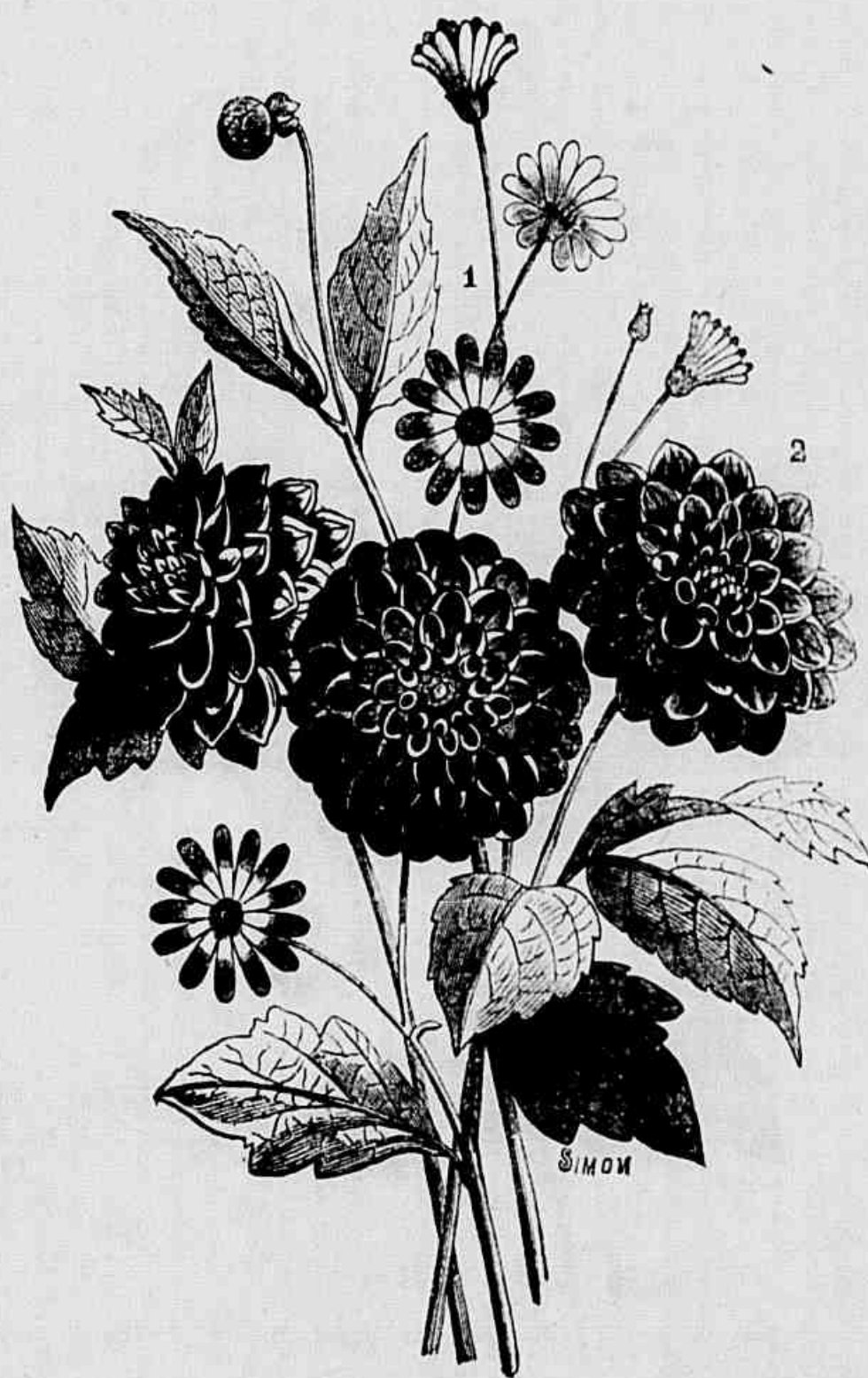
Assim, não deixaremos de chamar a delicada attenção do bello sexo para este assumpto, e nos permittirá que com nossos artigos lhes offere-

çamos a discripção e cultivo de algumas flores e plantas de ornato ou medicinaes, para as cultivarem em seus jardins. Nosso empenho é reunir o util ao agradável.

Se elle nos coadjuvar, e tomar a iniciativa, principiando por banir de seus salões a informe massa de flores a que chamam ramos, para por si mesmas ornarem suas jarras com as que colherem de seus jardins, estamos certos de que a tarefa nos será facil.

v.

Em 14 de Setembro de 1869.





MODAS.

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeiro vestuario. — De seda da India rôxa; saia com grandes fôlhos em pregas; tunica apanhada aos lados com uma trança; corpete do feitio de collete de postilhão; a franja da tunica é de torçal de seda.

Segundo vestuario. — De *moire* cinzento; saia de *trene* escuro, com um bordado de trancelim preto sobreposto, como explicamos no verso da estampa de bordados. A tunica é guarnecida do mesmo modo, inteiramente arredondada, apanhada dos lados e ao centro das costas.

TRABALHOS.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE TRABALHOS E BORDADOS.

Nº 1. — Póde ser feito de *cachemire* encarnado ou de panno azul. O bordado é de trancelim de fio de ouro, cosido com contas pretas.

Nº 2. — Bolsa. De setim branco, bordada com trancelim branco e cosida com contas douradas. A outra metade não é bordada.

Nº 3. — Uma tira que corresponde a uma sexta parte d'uma sombrinha, de ponto d'Inglaterra (renda). Como já explicámos prende-se a renda sobre maroquim, e enchem-se os festões a ponto de recorte muito solto.

Nº 4. — Canto de lenço. — Bordado a *plumetis*, *point de sable* e a cordão-sinho. É preciso repetir quatro vezes o mesmo canto.

Nº 5. — Uma tira que corresponde a uma sexta parte d'uma sombrinha bordada sobre *tulle* preta. Calca-se o desenho sobre papel muito fino, que se assenta depois sobre o *tulle* que se quer bordar, e repete-se seis vezes o mesmo desenho. Todo o trabalho é feito a ponto de passagem.

Nº 6. — Babadouro para criança. Feito d'acolchoado e bordado com trancelim branco : o nosso modelo é bordado a ponto de cadeia com linha encarnada de marcar.

Nº 7. — Quadrado de rede *guipure*. É feito a ponto de passagem, ponto *d'esprit* e as *rosaces* a ponto de relevo.

Nº 8. — Canto de collarinho revirado ao plumetis e a ponto *de sable*.

Nº 9. — Collarinho revirado ao plumetis e a ponto *de sable*.

Nº 10. — Canto de lenço. Os ramos são ao plumetis e a *ponto de sable*; as flores podem-se fazer recortadas ou cheias.

Nº 11. — Outro collarinho ao plumetis e a ponto *d'armes*.

Nº 12. — Ainda outro collarinho revirado ao plumetis e a ponto *de sable*.

Nº 13. — *Pelote* de rede *guipure*. Fôr-se de setim com uma *ruche* de fitas da mesma côr do setim.

Nº 14. — Collarinho á maruja para criança. Faz-se de panno de linho. A borda é feita a ponto de recorte. O collarinho é recortado como indica o desenho.

Nº 15. — *B. L.* Plumetis. Iniciaes para fronhas.

Nº 16. — *Leonor*. De cordãosinho para canto de lenço.

Nº 17. — *Carlota*. Feito ao plumetis e de cordãosinho para canto de lenço.

Nº 18. — *Adelaide*. Feito de cordãosinho.

Nº 19. — *G. B.* Lettras para fronhas.

Nº 20. — *Aurelia*. Para canto de lenço. Feito ao plumetis ou cordãosinho.

Nº 21. — *Sophia*. Plumetis e ponto *d'armes*, para canto de lenço.

Nº 22. — *Carolina*. Ao cordãosinho.

Nº 23. — *Escudo* para canto de lenço, feito ao plumetis e ponto *d'armes*.

Nº 24. — *D. G.* Iniciaes enlaçadas. Plumetis e *petit-pois*.

Nº 25. — *Honorina*. Ao cordãosinho.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

VERSO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

Molde do casaco da segunda figura de figurino.

Nº 1. — Frente.

Nº 2. — Costas. A costura do lado só deve chegar até ás *rosaces* da guarnição.

Nº 3. — Manga.

Este molde como indica o figurino deve ser guarnecido da seguinte maneira; a primeira volta com uma trança de lã preta; as voltas pequenas ou estreitas do bordado, com trancelim preto.

Nº 4. — Alfabeto ao plumetis para toalha de mesa, guardanapos e fronhas. Este alfabeto he moderno e produz bom effeito.

Desde o numero 5 ao numero 9. Nomes e lettras enfeitados.

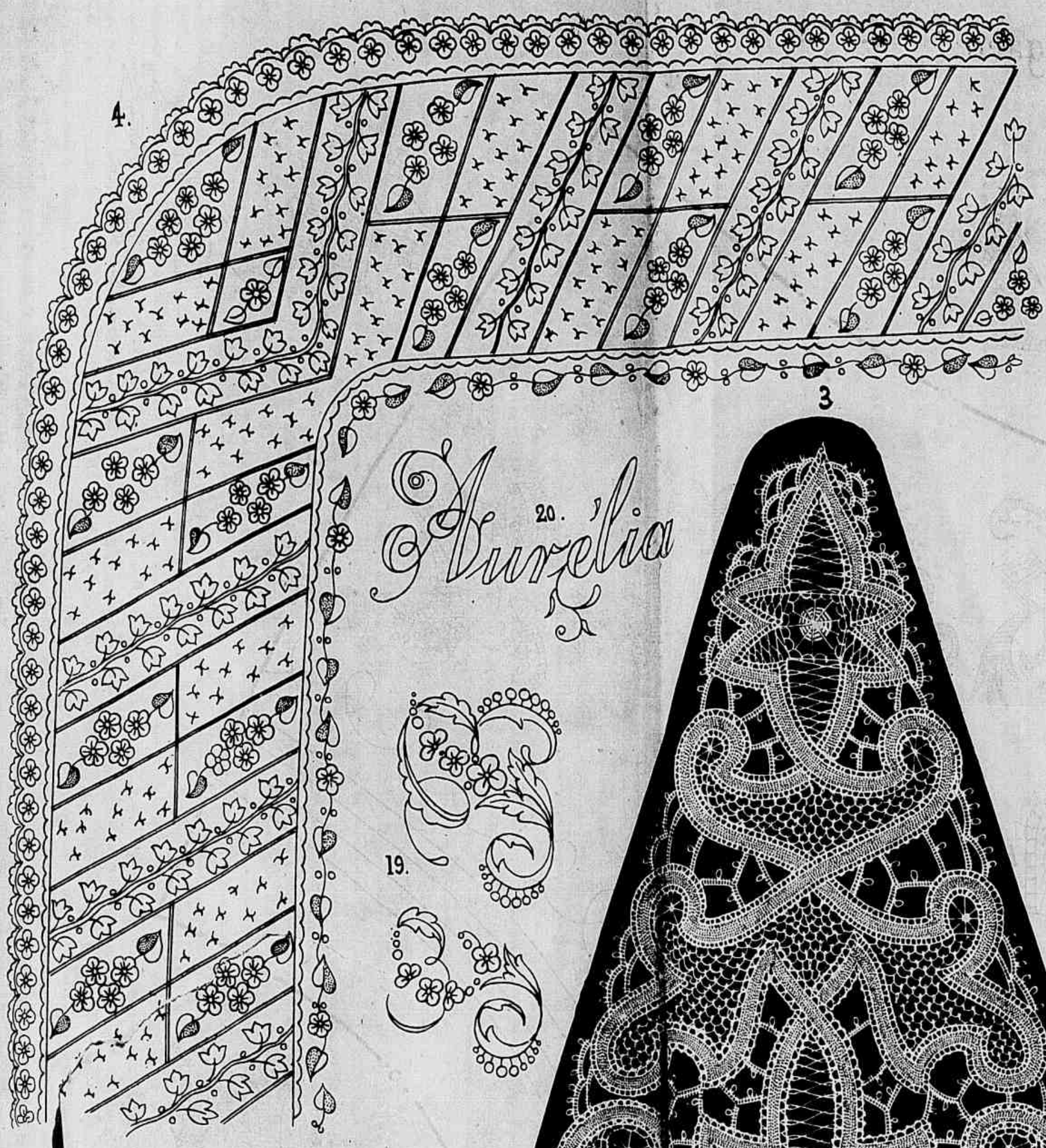
MOLDE CORTADO.

Corpo do primeiro vestuario do figurino.

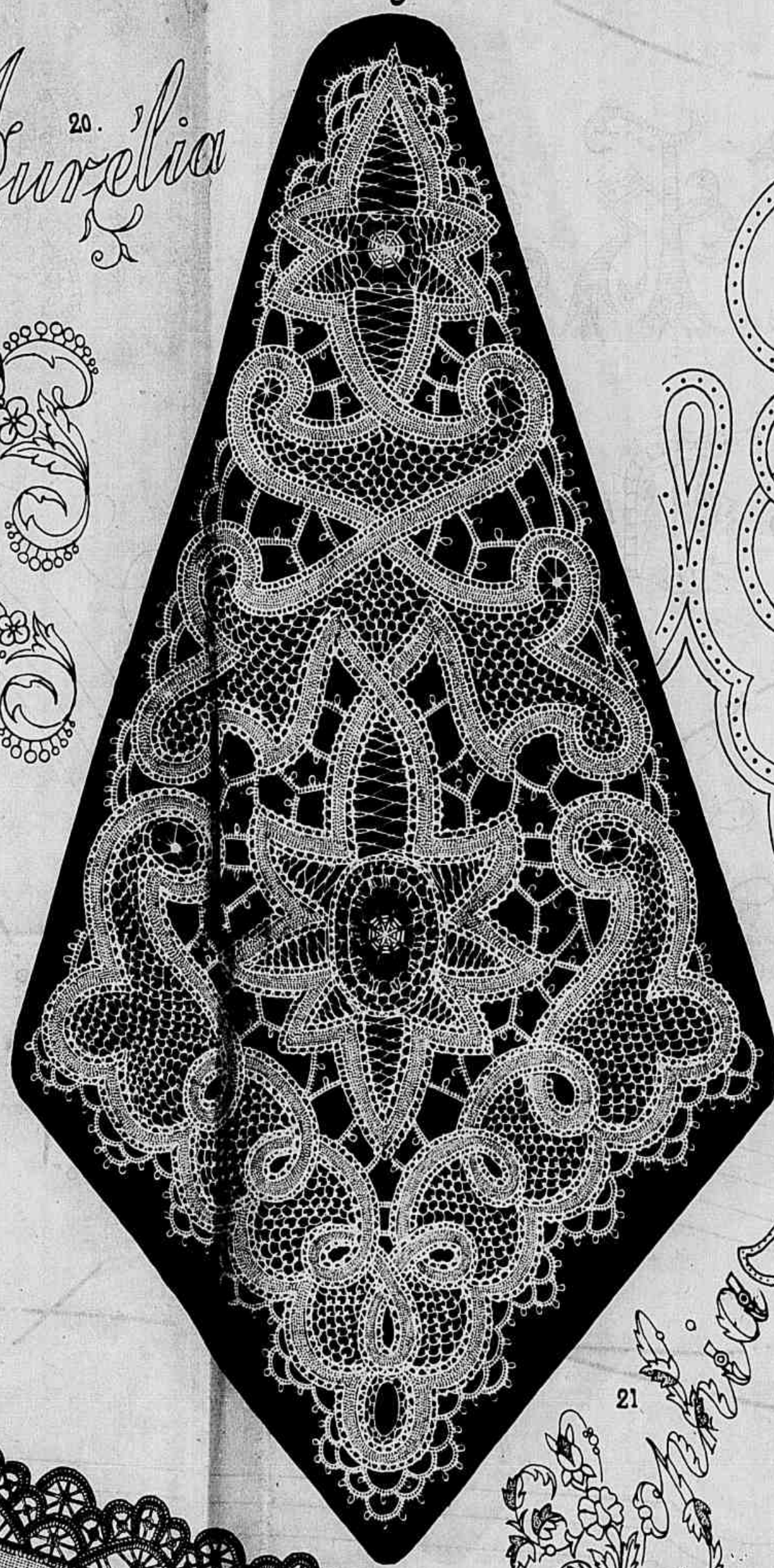
GR = 17x

JORNAL DAS FAMILIAS

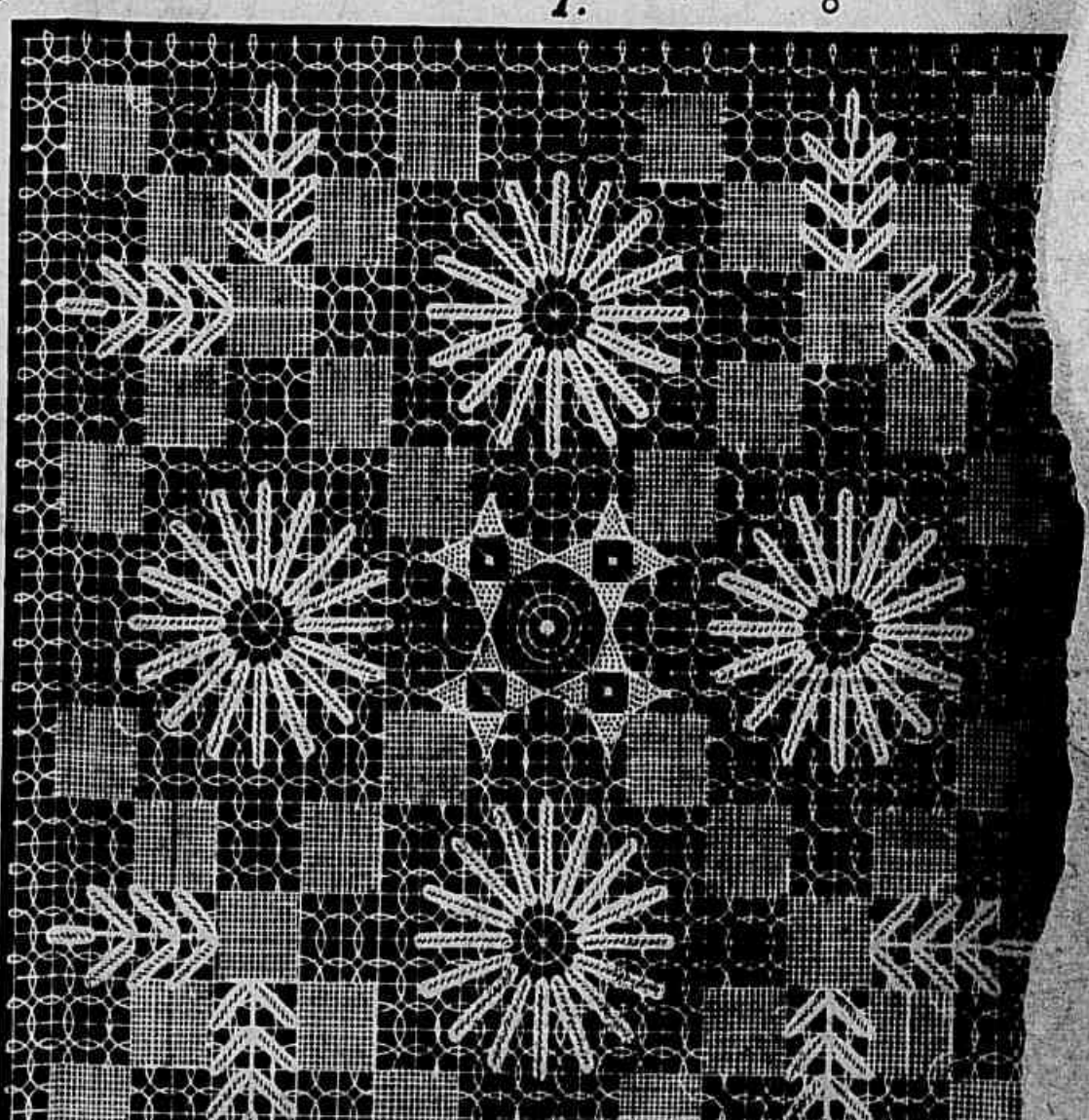
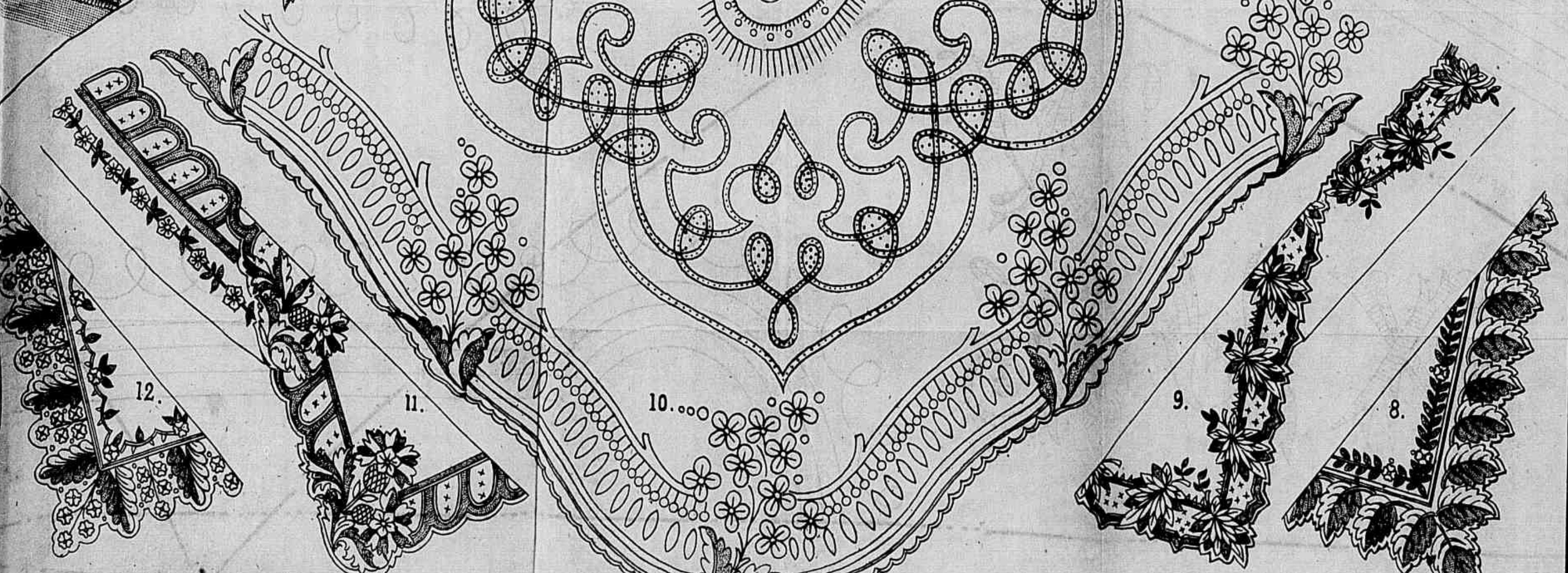
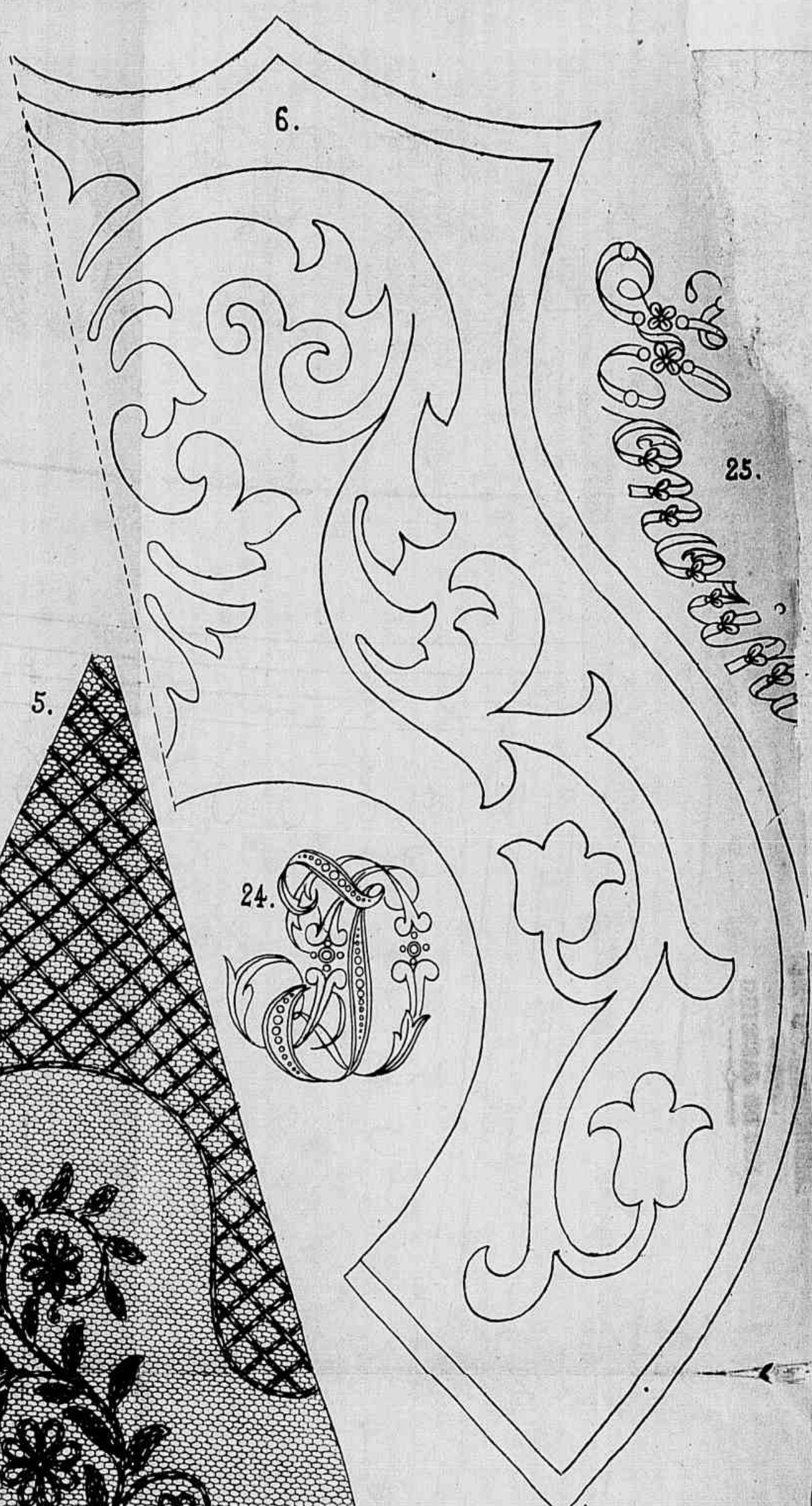
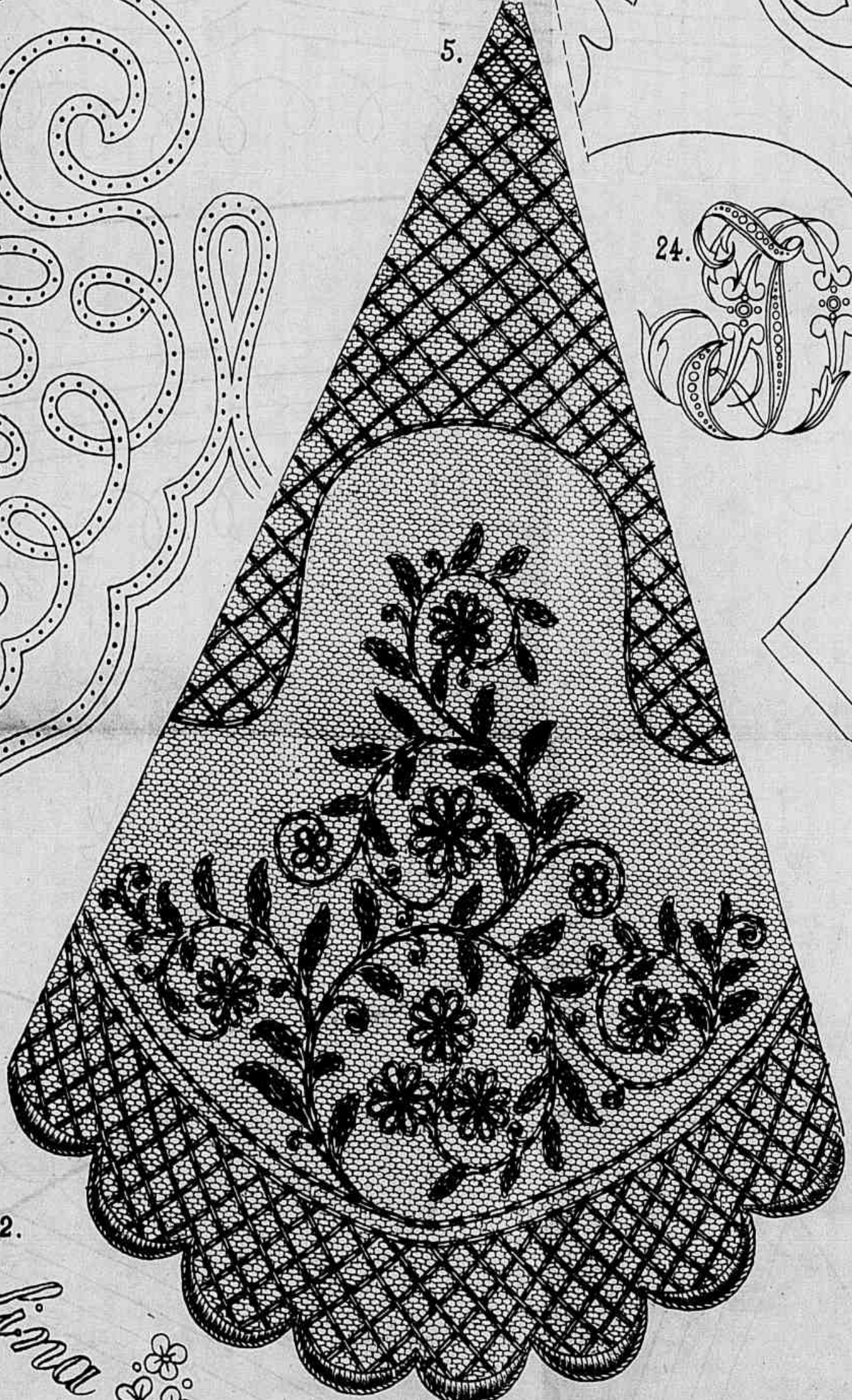
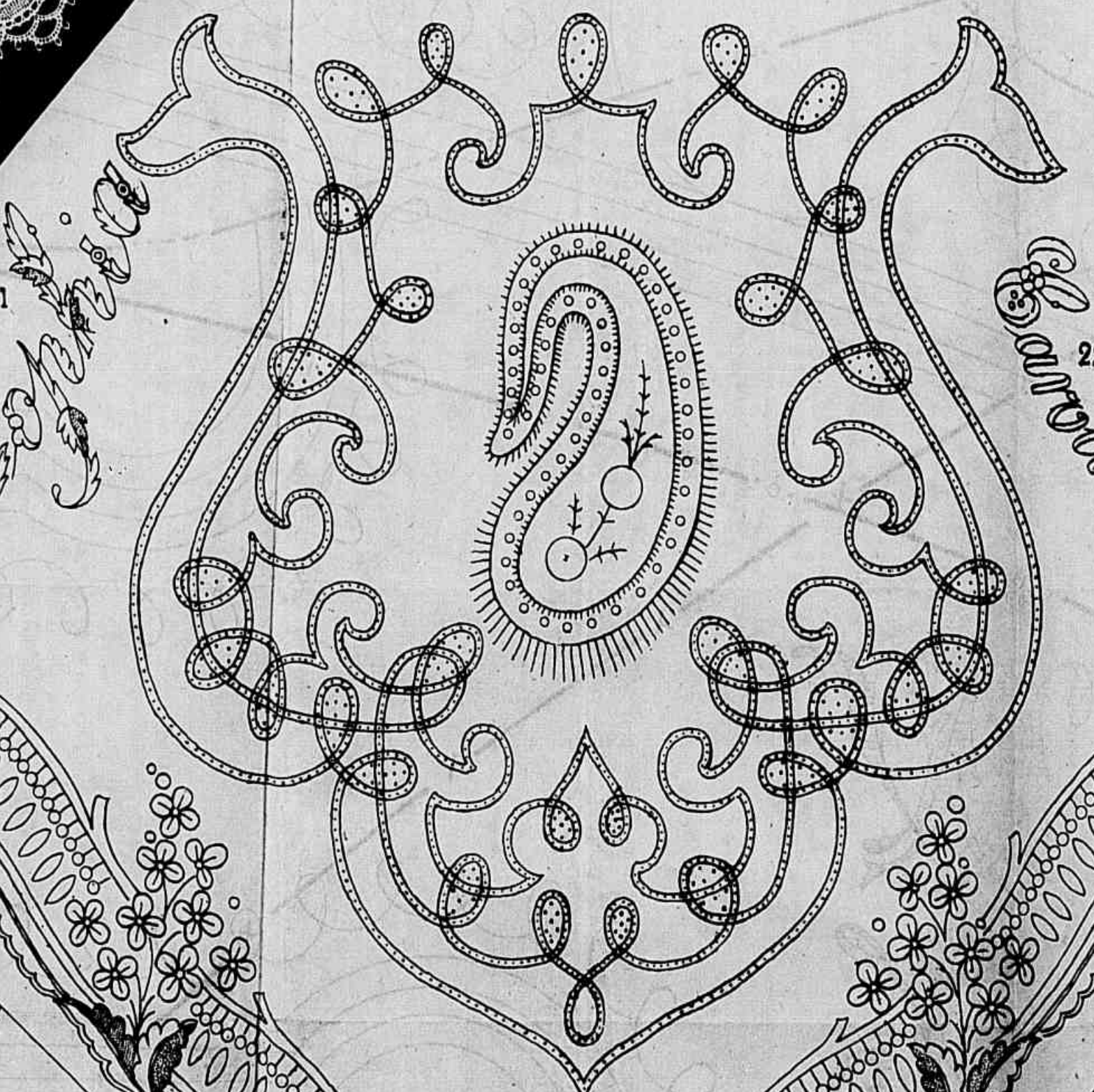
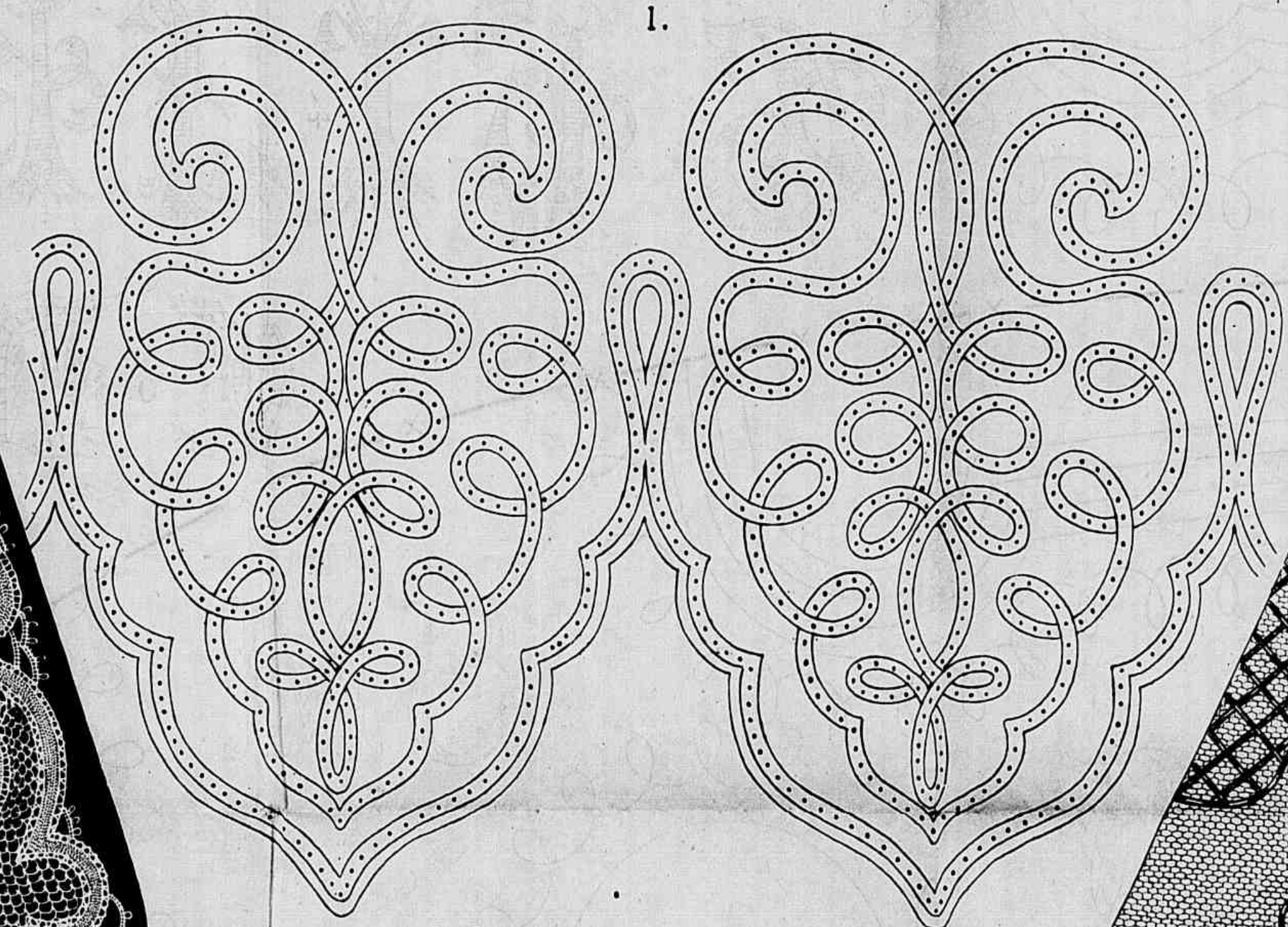
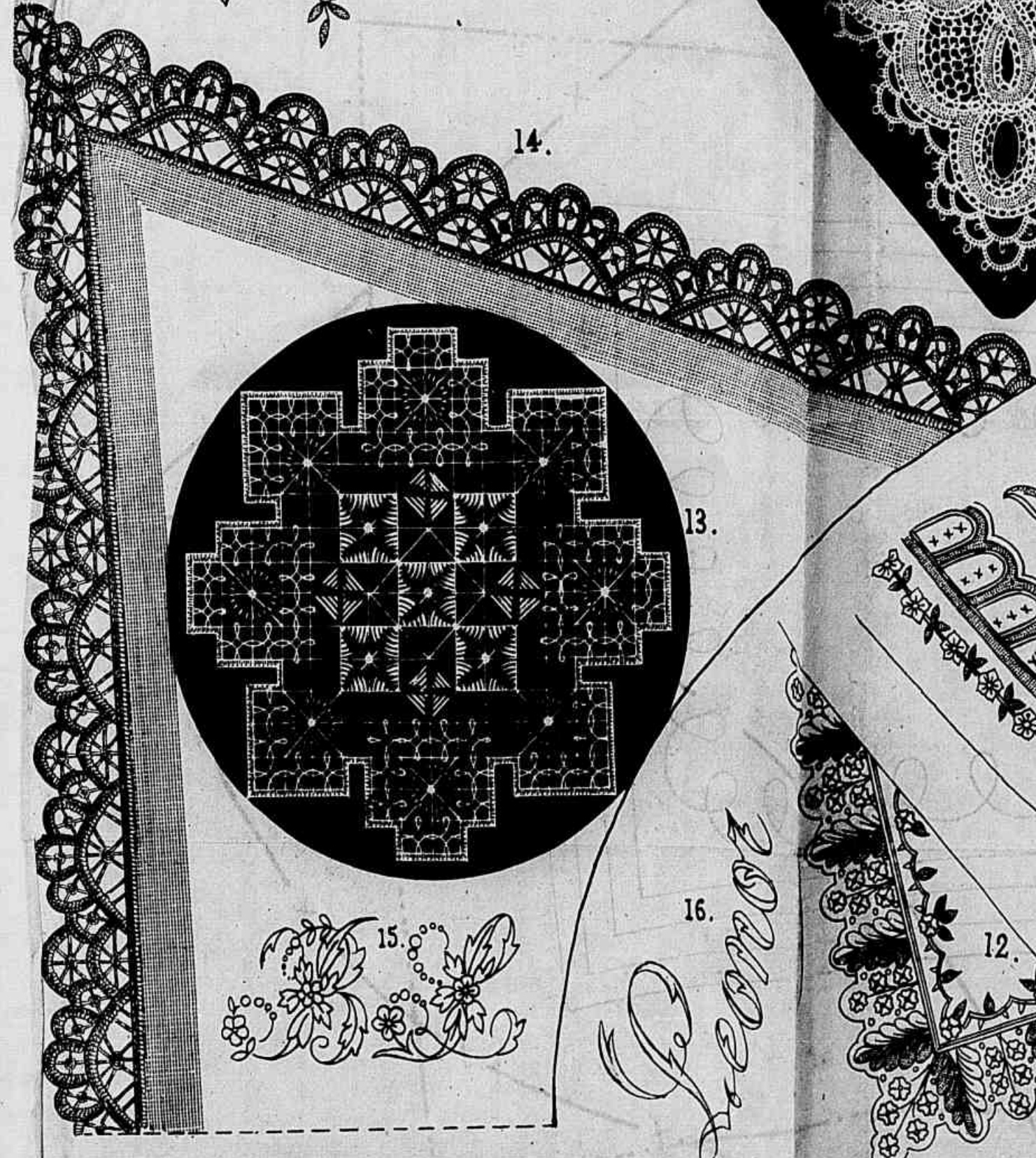
Nº 1. — 1871.



Aurelia



Adelaide
Carolina



Padrao do Casacco Hungaro.

2ª figura da Gravura de Modas.

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF MODERN ART

RIO DE JANEIRO

